

ZUMBI SOMOS NÓS

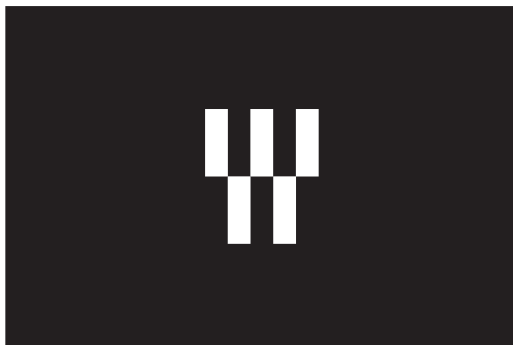


CARTOGRAFIA DO RACISMO
PARA O JOVEM URBANO

**ZUMBI
SOMOS
NÓS**



**CARTOGRAFIA DO RACISMO
PARA O JOVEM URBANO**



Frente 3 de Fevereiro

A Frente 3 de Fevereiro é um grupo de pesquisa e intervenção artística acerca do racismo na sociedade brasileira. Sua abordagem cria novas leituras e coloca em contexto dados que chegam à população de maneira fragmentada através dos meios de comunicação. As intervenções artísticas criam novas formas de manifestação sobre as questões raciais.

Para pensar e agir em uma realidade em constante mudança, permeada por transformações culturais de diversas escalas e sentidos, se fazem necessárias novas estratégias. A Frente 3 de Fevereiro associa o legado artístico de gerações que pensaram maneiras de interagir com o espaço urbano à histórica luta e resistência da cultura afro-brasileira.

www.frente3defevereiro.com.br

Copyleft

Copyleft é uma forma de proteção dos direitos autorais que tem como objetivo prevenir que não sejam colocadas barreiras à utilização, difusão e modificação de uma obra criativa. É livre a reprodução para fins não comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados e esta nota seja incluída.

ZUMBI SOMOS NÓS



CARTOGRAFIA DO RACISMO
PARA O JOVEM URBANO

VAI
VALORIZAÇÃO DE INICIATIVAS CULTURAIS



PREFEITURA DA CIDADE DE
SÃO PAULO

ÍNDICE





CARTOGRAFIA DO RACISMO PARA O JOVEM URBANO

01. INTRODUÇÃO	06	06. ARQUITETURA DA EXCLUSÃO	84
1.1 Sobre cartografia	08	6.1 Convivência ou conveniência?	87
1.2 Fio condutor	10	6.2 "Know go area"	93
02. FLÁVIO SANT'ANA: SUSPEITO DE COR PADRÃO	12	6.3 Muros visíveis e invisíveis	101
2.1 Fragmentos da sentença do caso Flávio Sant'Ana	15	6.4 Ocupação Prestes Maia: quilombo urbano	105
2.2 O fato se transforma em evento	17	6.5 A indústria do medo e as bolhas de segurança	109
2.3 Elemento suspeito de cor padrão	23	07. CRIMINALIZAÇÃO E CONFINAMENTO	112
03. RACISMO POLICIAL: QUEM POLICIA A POLÍCIA?	30	7.1 PCC: uma intervenção midiática	115
3.1 Policial não tem cor, tem farda	33	7.2 O processo de "demonização" na construção de um novo inimigo público	117
3.2 Quem são e onde moram os "suspeitos"?	39	7.3 Satisfazer nossa necessidade de vingança com um teatro de justiça	119
3.3 Medo avaliza abuso policial e gera elite exterminadora	47	7.4 Precisamos reinventar as formas de convivência	125
04. O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL	50	08. ZUMBI SOMOS NÓS	130
4.1 Resquícios da sociedade escravocrata: como nasce a "cidadania"?	53	8.1 Quem foi Zumbi?	133
4.2 Futebol como metáfora da democracia racial	59	8.2 Cotas: inscrição de um símbolo para a igualdade racial	139
05. O RACISMO NO COTIDIANO E SUA INTERNALIZAÇÃO	66	8.3 Dialética da Marginalidade: convertendo a violência em força simbólica	145
5.1 Brasil de todas as cores	69	8.4 Diáspora: um canto de resistência	147
5.2 A doença do embranquecimento: um relato de Frei Davi	73	09. BIBLIOGRAFIA	148
5.3 O que fez o cabelo para ser chamado de ruim?	77	10. FICHA TÉCNICA	149
5.4 Injúria ou racismo?	79		



01

INTRODUÇÃO

Sobre cartografia por Frente 3 de Fevereiro

A Frente 3 de Fevereiro, formada por artistas plásticos, cineasta, designer gráfico, músicos, historiador, socióloga, dançarina, advogada, cenógrafo e atores, nasceu da mobilização desse grupo com um dado de realidade: no dia 3 de fevereiro de 2004, o jovem negro Flávio Sant'Ana, confundido com ladrão, foi assassinado pela polícia militar de São Paulo.

Para nós, o assassinato de Flávio, um jovem dentista recém-formado, era mais do que um fato, era um caso exemplar, a denúncia de uma contradição social. Se existe a perpetuação de um ideário de democracia racial no Brasil - um discurso que nos afirma como um país mestiço e, por isso, automaticamente "livre" de racismo - por outro lado, a morte de Flávio traz à tona a cotidiana tipificação do jovem negro como "suspeito", como "ameaça". O assassinato de Flávio Sant'Ana revela, então, a democracia racial como tentativa deliberada de negar as perversas práticas sociais pontuadas por uma herança escravocrata.

A partir daí passamos a observar a forma como o caso era narrado pela mídia, e percebemos que, na maior parte das vezes, o dado racial desaparecia facilmente das notícias, que afirmavam o assassinato como "mais um caso de violência". Estava colocado nosso gancho: como racializar este evento? Como trazer à tona o racismo por trás da ação violenta da polícia, legitimada por uma sociedade também racista e violenta?

Realizamos diversas ações: construímos, no local exato onde Flávio foi assassinado, um monumento horizontal - uma placa afixada no chão, pontuando a memória do fato - colamos, pela cidade, uma série de cartazes - "Quem polícia a polícia? Racismo policial".

Assim começamos nossa cartografia, tentando decompor um fio histórico que "naturalmente" se atualiza em novas práticas sociais. Mas de que forma essas práticas se estruturam? Quais os limites da herança escravocrata em nossa experiência cotidiana? Como podemos romper esta lógica inscrevendo outras formas de sociabilidade? Cartografia, para nós, é mais do que um mapa, é uma escrita entendida em sentido amplo, uma postura diante do mundo. Somos cartógrafos quando reconhecemos e organizamos aquilo que nos convoca a agir e, então, damos ouvido, voz e forma às nossas angústias e desejos, expressando e inscrevendo poeticamente na realidade aquilo que nos move.

Não basta desvendar o passado no presente, é preciso inventar novas maneiras de ler e escrever nossos desejos e, assim, novas formas de sociabilidade.

De posse de nossa prática cotidiana, acreditando no que sentimos, saímos do lugar de reatividade ao que é reproduzido socialmente, ao que reconhecemos como herança histórica, para um lugar de atividade, de produção de novas práticas, lógicas e dizeres, sempre por se inventar.

Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para o grupo é bem-vindo. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. Por isso o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas nem só teóricas. (...) O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado. Está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias. ⁽¹⁾

"Zumbi Somos Nós: Cartografia do Racismo para o Jovem Urbano" não é um tratado sobre o racismo no Brasil, ao contrário, é a tentativa de criar um dispositivo para o diálogo, através dos nossos caminhos, dúvidas e desejos.

"Zumbi Somos Nós" apresenta um desenho de nosso itinerário, a organização de um olhar atento à experiência cotidiana, construído por diferentes camadas de leitura: nossas ações, manifestos poéticos, fragmentos de textos, entrevistas do grupo com teóricos, pesquisas de dados, matérias de jornais, etc.

As ações artísticas do grupo sintetizam "áreas" desta cartografia. O foco direcionado para o espaço urbano, ressignifica elementos cotidianos através do "desvio" simbólico. A potência da ação direta, sem mediação institucional, e a criação de situações poéticas abrem a subjetividade para a construção de um outro futuro possível.

⁽¹⁾ Trecho de Suely Rolnik: Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

Fio condutor por Frente 3 de Fevereiro

Neste Brasil decantado como o país de muitas cores, de cultura de muitas raças, o país da diversidade, um jovem negro acabava de embarcar sua noiva e caminhava por uma movimentada avenida de São Paulo quando, de repente, teve sua vida apagada - foi confundido com um ladrão e executado por policiais militares de forma fulminante sem ter esboçado nenhuma reação.

Esse caso passaria despercebido como milhares de outros, se não houvesse um diferencial: era um jovem negro pertencente às camadas médias, dentista formado recentemente. Todavia, nem seu pertencimento de classe, nem sua mobilidade educacional o livraram de ser catalogado como suspeito. Estava aí revelado: o jovem Flávio Sant'Ana morreu por ser negro. Fica claro que há um viés racista contido na atuação da polícia, evidenciado pela expressão "elemento suspeito de cor padrão". Ao investigarmos as raízes do racismo policial, a origem da polícia, em especial no Brasil, explicita que sua função é a repressão, o controle social das populações excluídas, a proteção da propriedade da elite, e não a proteção do cidadão. A polícia, e os policiais, acabam refletindo a organização geral da sociedade, que, no caso brasileiro, tem uma forte herança escravocrata.

O que legitima essa função da polícia é um sentimento disseminado de medo. Um "medo branco" que no passado era utilizado para manter sob controle uma enorme parcela da população escrava, submetida a condições de vida ultrajantes. Ao se transportar para a sociedade de hoje, esse medo das elites traz consigo as mesmas

orientações políticas de controle social, que se aprimoram e se fortalecem. E aqui a figura do elemento suspeito é peça-chave, uma vez que identifica um perfil claro como sendo suspeito: jovem, negro e pobre. E esse perfil carrega a suspeição para onde quer que se locomova na cidade.

A realidade, portanto, desconstrói continuamente o mito da democracia racial. Esse mito se configura como uma estratégia de apaziguamento e omissão da estrutura de exclusão racial existente no Brasil. A perversidade dessa estratégia está na sua capacidade de internalização da idéia de inferioridade, por meio do autoconvencimento, reiterado incessantemente no cotidiano dos jovens negros.

No jogo de futebol da Taça Libertadores São Paulo x Quilmes, outro caso exemplar: após uma discussão em campo, o jogador de futebol Grafite denunciou o jogador Leandro Desábato por ofensas racistas. Explicitou-se que nem mesmo o futebol, espaço idealizado como despido de qualquer preconceito e onde deveria reinar a harmonia entre as raças, confirma o mito da democracia racial. Debates acalorados são travados para avaliar se houve ou não racismo, sempre nos moldes da sociedade brasileira: racista é sempre o outro, melhor ainda quando este é argentino.

Esses mecanismos de exclusão se inserem em uma lógica maior, característica do planejamento das cidades modernas, que classificam áreas de prosperidade, as quais se associam todas as idéias positivas, e de atraso, as quais se associa tudo o que há de ruim.

Essa forma de delinear a cidade cria, pouco a pouco, “bolsões de exclusão” que são definidos por aquilo que não tem: não tem saneamento básico, não tem transporte coletivo suficiente, não tem calçamento, não tem iluminação pública adequada etc.

Devido ao aumento das desigualdades sociais e ao conseqüente crescimento dos “bolsões de exclusão”, a conjunção do medo, utilizada para legitimar a repressão, leva à criação das “bolhas de segurança”. Sua justificativa é a segurança, mas sua lógica é a de impedir, particularmente em São Paulo, qualquer contato individual com o outro que não seja baseado numa relação de poder e controle. Vale ressaltar que, diariamente, atravessam os muros dessas bolhas os residentes daquelas regiões conhecidas pelo que não tem, para prestar serviços como cozinheiras, lavadeiras, passadeiras, babás etc.

A sociedade brasileira não se organiza em termos de cooperação e sim da exclusão, com um modelo de sociabilidade extremamente separado e violento. Em algum momento isso vai transbordar, vai ficar insuportável. Foi o que parece ter ocorrido por ocasião dos ataques do PCC, em maio de 2006, quando a cidade apartada ficou face a face com a realidade da zona excluída numa nova relação de forças. De nada adiantou todo o seu aparato de segurança, pois a cidade, com sua ideologia exclusora, com sua arquitetura anticonvivência, gerou de forma consciente, ou inconsciente, esse momento de caos.

E, mais uma vez, a elite dominante perdeu a chance de rever esta insustentável falta de convivência e optou por mais controle, mais criminalização e mais confinamento. Mas nem tudo é a “história das práticas dominantes”.

Podemos identificar brechas nesse sistema. No passado elas se corporificaram em várias formas de resistência. O protesto escravo sempre esteve presente na história da escravidão.

O escravo sempre deixou claro o seu inconformismo e isso acontece muito antes do final do século XIX. O Quilombo dos Palmares é um exemplo disso. Sem falar das inúmeras revoltas, a mais significativa delas a Revolta dos Malês, pelo seu poder de organização, em que os escravos sabiam ler e escrever, enquanto seus senhores eram, em sua maioria, analfabetos.

Então, cabe a nós trazer para o presente esses atos e colaborar com os nichos de resistência e suas estratégias. Desde uma ocupação de um prédio no centro da cidade pelo Movimento dos Sem-Teto do Centro (MSTC), que nos traz uma associação direta com um quilombo urbano, em plena avenida Prestes Maia, até a discussão sobre a criação de cotas raciais nas universidades.

Enfim, tudo depende do nosso olhar e dos gestos individual ou coletivo de todos. Zumbi Somos Nós, todos os que procuram converter a violência em uma resistência simbólica em prol da coletividade, reinventando as formas de convivência na nossa prática social.



02

FLÁVIO SANT'ANA: SUSPEITO DE COR PADRÃO

13

2.1. Fragmentos da sentença do caso Flávio Sant'Ana

2.2. O fato se transforma em evento

2.3. Elemento suspeito de cor padrão

VIOLÊNCIA Foram presos seis policiais, que, segundo testemunha, forjaram prova para encobrir erro; acusados dizem ter reagido a tiros

PMs matam dentista apontado como ladrão

DE SÃO PAULO

Seis policiais militares foram presos no final de semana pelo assassinato, na última terça, do dentista Flávio Ferreira Sant'Ana, de 28 anos, em Santana (uma norte de São Paulo). Segundo a polícia, a vítima foi cercada com um ladrão durante uma abordagem.

Tudo começou quando o comerciante Antônio Abenegas Anjos, 29, declarou ter sido vítima de um assalto e, acompanhado por policiais, apontou Sant'Ana como o bandido que havia levado seu dinheiro recentemente.

Os seis PMs, então, abordaram o dentista, que, de acordo com os policiais, estava com uma pistola e reagiu a tiros. Dois deles atingiram sete vezes contra o dentista, que foi atingido por dois disparos e morreu.

Em seguida, ao ver o corpo caído no chão, o comerciante percebeu o engano. O grupo, então, teria decidido forjar uma prova, colocando a carteira da vítima do bolso do dentista. Logo depois, o corpo foi levado para o pronto-socorro de Santana.

"Meu filho foi morto por ter negros. Foi puro preconceito", disse, revoltado, o pai do dentista, o PM aposentado Jonas Sant'Ana, 50.

Ataque

Ao registrar o crime na delega-



Reprodução de fotografia do dentista Flávio Ferreira Sant'Ana



O polícia militar aposentado Jonas Sant'Ana, 50, pai da vítima

ria, o comerciante e os PMs enviaram o erro na identificação do suspeito. O boletim de ocorrência foi registrado como resistência armada de morte. Semanas antes, Anjos decidiu voltar à delegacia e contar a verdade. Ele afirma que foi assediado pelos seis policiais militares.

A família do dentista conta que ele saiu de casa, em Aricandara (zona leste), por volta das 23h30 de terça-feira para deixar sua namorada, que é suíça, no aeroporto de Cambiá, em Guarulhos. Ele dirigia o seu carro, um Gol verde.

Na volta para casa, porém, teria alterado o trajeto por causa da

forte chuva e acabou na zona norte. Foi nesse momento, então, que foi abordado pela polícia.

No dia seguinte, a família percorreu hospitais e prédios do IML (Instituto Médico Legal), acalorada por ex-colegas da faculdade onde Sant'Ana se formou recentemente. O corpo foi encontrado

apenas na quinta-feira, no IML Central. O dentista seria enterrado como indigente.

"Ele era o único negro da sala de aula da universidade. Era alegre e tinha medo da violência. Se visse escrito 'eu sou dentista' em sua trena, hoje ele estaria vivo", afirmou o pai da vítima.

Presos caíram em contradição, diz Corregedoria

DE SÃO PAULO

Segundo a Polícia Militar, cinco dos seis policiais presos admitiram ter prestado informações falsas ao registrar o boletim de ocorrência sobre o crime.

O grupo, porém, continua sustentando a versão de que o dentista Flávio Ferreira Sant'Ana estava armado e reagiu a tiros à abordagem da polícia, na noite da última terça-feira.

Os acusados foram levados para o presídio Rómulo Gomes, na zona norte da cidade. Entre os presos estão um tenente e um cabo.

Segundo a Corregedoria da Polícia Militar, órgão responsável por investigar PMs acusados de crimes ou irregularidades, os acusados caíram em contradição ao falar sobre a morte do dentista.

"Eles foram duas vezes, e por isso foram presos", disse o capitão Rinaldo Zychan, da Corregedoria.

2.1

Fragmentos da sentença do caso Flávio Sant'Ana

Processo nº 001.04.005167-7 - Controle 182/04 - 2ª Vara do Júri

Consta da denúncia que Antonio Alves dos Anjos fora vítima de crime de roubo e acionou os policiais Luciano, Carlos Alberto e Ricardo. O tenente Carlos Alberto comandava as diligências de rua e contava com o apoio do cabo Ricardo, passaram a dar início a investigações no interior do veículo de Antonio Alves dos Anjos, oportunidade em que procuravam uma pessoa negra que seria o autor do crime contra o patrimônio mencionado. Avistaram a vítima Flávio, também negra, que caminhava pela calçada da Avenida Santos Dumont. Abordaram-na desprezando por completo as normas internas da corporação, na medida em que o soldado Luciano desembarcou do veículo e atirou contra a vítima Flávio, disparos que foram repetidos por Carlos Alberto e Ricardo em ação conjunta e solidária.

Ao perceber a ação dos policiais, Flávio levantou os braços e pediu para que não atirassem, mas foi executado sumariamente a tiros. Também, segundo a denúncia, o crime foi praticado por motivo torpe porque os policiais militares em atividade efetuaram os disparos tão somente porque suspeitavam que a vítima era autora do roubo cometido contra Antonio Alves dos Anjos, bem como mediante recurso que impossibilitou a defesa de Flávio pelo fato desta caminhar na calçada sem qualquer motivo para esperar a surpreendente e fulminante agressão a tiros, até porque estava com os braços levantados à mercê dos executores.



AQUI!
FLAVIO F.
SANTANA
FOI
MORTO
PELA
POLICIA
MILITAR
DE SAO PAULO

RACISMO + VITIMA
RACISMO
FEB 2004

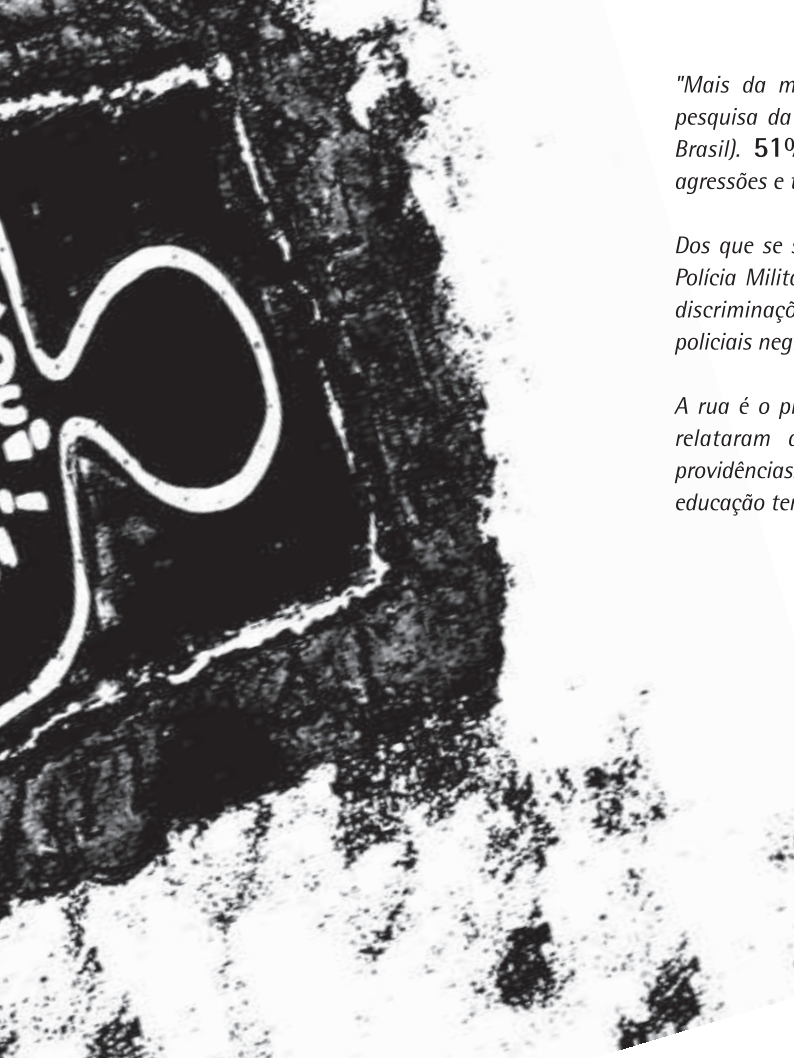
2.2

O fato se transforma em evento

“Policiais confessam que forjaram provas contra dentista que mataram. Segundo eles, estavam tentando se defender. Três deles são negros. A estratégia da defesa do grupo é dizer que foi um homicídio culposo, sem intenção de matar, dessa forma a pena é menor.”⁽²⁾”

ADRIANO
ELIANNA
SANTANA
FORTO
MOREIA
POLÍCIA
MILITAR
DE SÃO PAULO





"Mais da metade dos negros brasileiros já foi discriminada pela polícia, segundo pesquisa da Fundação Perseu Abramo (*Discriminação Racial e Preconceito de Cor no Brasil*). 51% de pesquisados em 266 cidades afirmam ter sofrido humilhações, agressões e torturas. (...)

Dos que se sentiram discriminados (brancos, pretos, pardos e índios) 69% acusam a Polícia Militar e 23% a Civil. Os agentes brancos foram responsáveis por 78% das discriminações contra negros e 12% dos brancos se sentiram discriminados por policiais negros.

A rua é o principal ponto de ofensas e maus-tratos: 60%. Dos entrevistados, 78% relataram que ficaram revoltados, mas não procuraram ninguém para pedir providências. A segunda instituição que mais discrimina o negro é o trabalho (18%). A educação tem índice de 14% e a saúde de 6%." ⁽³⁾

15 a 18 anos assassinados no Brasil, são negros. “ Em cada grupo de 10 jovens de 7 são negros. ”

E afirma o relatório:
"A violência não tem só idade.
Tem cor, raça, território.
As vítimas são os negros,
os pobres, os moradores
de favelas." ⁽⁴⁾



> Dois meses depois do assassinato do jovem negro Flávio Sant'Ana pela polícia militar de São Paulo, nós da Frente 3 de Fevereiro realizamos um ATO simbólico no local do crime - zona norte da cidade de São Paulo - junto com a família do jovem e representantes de outros grupos comprometidos com a mesma luta política. 2004.

> Policiais militares retiraram a placa em memória a Flávio Sant'Ana. Segundo relatos dos trabalhadores da redondeza, no dia seguinte ao ato, a PM mobilizou uma viatura para esta "operação". "Foi a pedido de um desses vizinhos", diz um morador. Uma semana depois, reconstruímos o monumento horizontal. Dessa vez, utilizamos apenas concreto e pigmento. O resultado visual ficou mais forte; uma estratégia mais barata e duradoura. No dia seguinte, mais uma vez, o monumento estava parcialmente destruído. 2004.





"Movimentos negros pressionarão por CPI sobre mortes pela PM – Os representantes dos movimentos se reuniram na Assembléia Legislativa para reforçar o pedido de CPI para apurar a violência policial no Estado." (5)

“O Ministro Márcio Thomaz Bastos afirma que há evidências de que tenha havido preconceito racial na morte do dentista.” (6) ”

SP 24 HORAS



8h45

Trote afeta médicos de Flávio



—O prédio do CET, na Companhia, foi cercado ontem, entre 8h30 e 11 horas, devido a ameaças de que haveria uma bomba no local. A polícia não encontrou nada. Por conta do trote, o registro de ocorrências e a investigação de índice de homicídios não poderiam ser feitos durante a manhã.

11h30

Ação à frente do Fórum



—O Sindicato dos Funcionários do Fórum aduziu ontem para o dia 12 a decisão sobre uma paralisação. Na segunda-feira, o sindicato pretende fazer uma coreografia em frente ao prédio para pedir a reintegração de 1.761 funcionários demitidos.



12h30

Foto: J. M. M. / O Estado de S. Paulo



—Cerca de 250 pessoas participaram no domingo da tarde de um protesto na frente do Fórum Criminal de Sorocaba, na zona norte, após o anúncio de julgamento de policiais militares envolvidos no crime do dentista Flávio Sant'Ana. Ele foi assassinado em fevereiro de 2004. Manifestantes vestiram camisetas com as palavras "Justiça", "Indignidade" e "Solidariedade". Participaram também estudantes de universidades e representantes do movimento negro. O julgamento foi adiado para o dia 16 de agosto porque a defesa alegou que o dentista sofreu ataques antes de morrer na prisão.

> Um ano após a morte de Flávio Sant'Ana, a Frente 3 de Fevereiro faz ação em frente ao fórum durante julgamento dos policiais envolvidos. 2005.



(2) Agora São Paulo e Folha de S. Paulo, 13/2/2004.

(3) O Estado de S. Paulo, 12/2/2004.

Os dados totais da Pesquisa estão em: <http://www2.fbp.org.br/portal/modules/news/index.php?storytopic=736>.

(4) Folha de S. Paulo, 15/10/2006, C6.

(5) Diário de São Paulo, 5/4/2004.

(6) Folha de S. Paulo, 11/2/2004.

2.3

Elemento suspeito de cor padrão ⁽⁷⁾

“A polícia no Rio de Janeiro,
quando ela se refere ao elemento suspeito,
ela fala do Elemento Suspeito de Cor Padrão.
E a cor padrão,
nitidamente, está se referindo a um negro.” ⁽⁷⁾

“

24 O sujeito é suspeito por si m

esmo. Por ser negro e pobre. ⁽⁸⁾ ²⁵

Vera Malaguti

”

BANCO CENTRAL DO BRASIL

RACISMO POLICIAL

**91% dos jovens negros
já foram parados pela Polícia**

Dados: Instituto CEBRAP

1

DEUS NUNCA LUTOU

REAL

B 61

> Estratégia de intervenção adotada em 2004: carimbo para notas com dados sobre racismo.



“ Eu me formei suspeito profissional, bacharel pós-graduado em tomar geral ”

Racionais MCs

"Analisando a fala dos policiais, o que se vê é que a 'atitude suspeita' não se relaciona a nenhum ato suspeito, não é atributo do 'fazer algo suspeito' mas sim de ser, pertencer a um determinado grupo social; é isso que desperta suspeitas automáticas. Jovens pobres pardos ou negros estão em atitude suspeita andando na rua, passando num táxi, sentados na grama do Aterro, na Pedra do Leme ou reunidos num campo de futebol." (9)



Foto: Frente 3 de Fevereiro

> Um ano após o assassinato de Flávio Sant'Ana, fizemos uma ação no Vale do Anhangabaú, centro de São Paulo, na qual representamos, com nomes e idades, vários corpos de jovens mortos pela polícia sob alegação de "atitude suspeita" em 2004.

(7) LEMGRUBER, Julita. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

(8) BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Folha de S.Paulo, 23/2/2004.

(9) BATISTA, Vera Malaguti. Dífíceis ganhos fáceis - Drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Revan, 2003. p. 103.

ROBSON LINCOLN
DOS SANTOS,
NEGRE, 21 ANOS

III
MORTE
PELA
POLICIA
II

RODRIGO L. A.
CACILA, NEGRE,
21 ANOS

III
MORTE
PELA
POLICIA
II

ADRIANO SOARES
SABARA, NEGRE,
18 ANOS

III
MORTE
PELA
POLICIA
II



Fotos: Frente 3 de Fevereiro



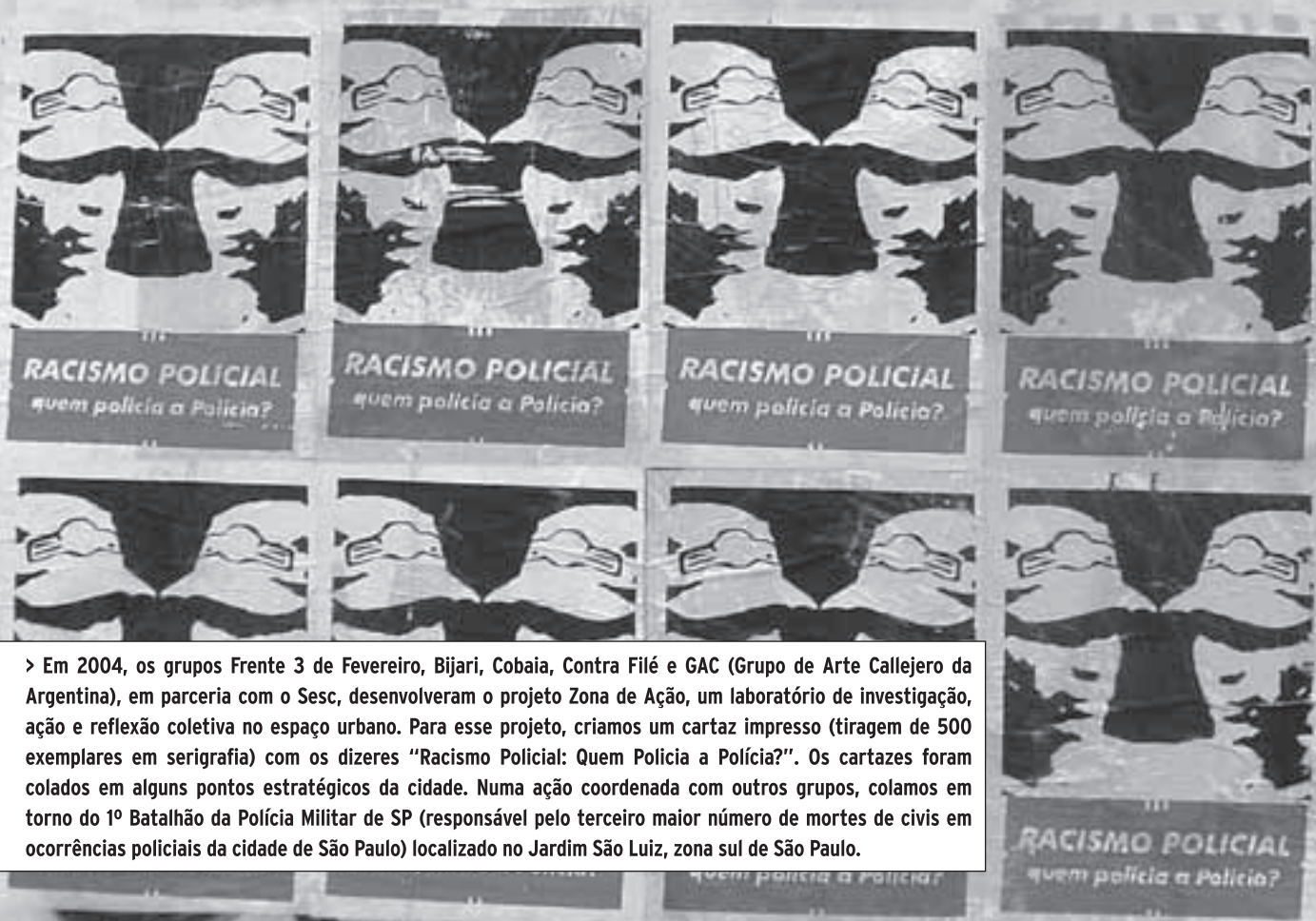
03

RACISMO POLICIAL: QUEM POLICIA A POLÍCIA?

**3.1. Policial não tem cor,
tem farda**

**3.2. Quem são e onde
moram os "suspeitos"?**

**3.3. Medo avaliza abuso policial
e gera elite exterminadora**



> Em 2004, os grupos Frente 3 de Fevereiro, Bijari, Cobaia, Contra Filé e GAC (Grupo de Arte Callejero da Argentina), em parceria com o Sesc, desenvolveram o projeto Zona de Ação, um laboratório de investigação, ação e reflexão coletiva no espaço urbano. Para esse projeto, criamos um cartaz impresso (tiragem de 500 exemplares em serigrafia) com os dizeres "Racismo Policial: Quem Policia a Policia?". Os cartazes foram colados em alguns pontos estratégicos da cidade. Numa ação coordenada com outros grupos, colamos em torno do 1º Batalhão da Polícia Militar de SP (responsável pelo terceiro maior número de mortes de civis em ocorrências policiais da cidade de São Paulo) localizado no Jardim São Luiz, zona sul de São Paulo.

3.1

Policial não tem cor, tem farda

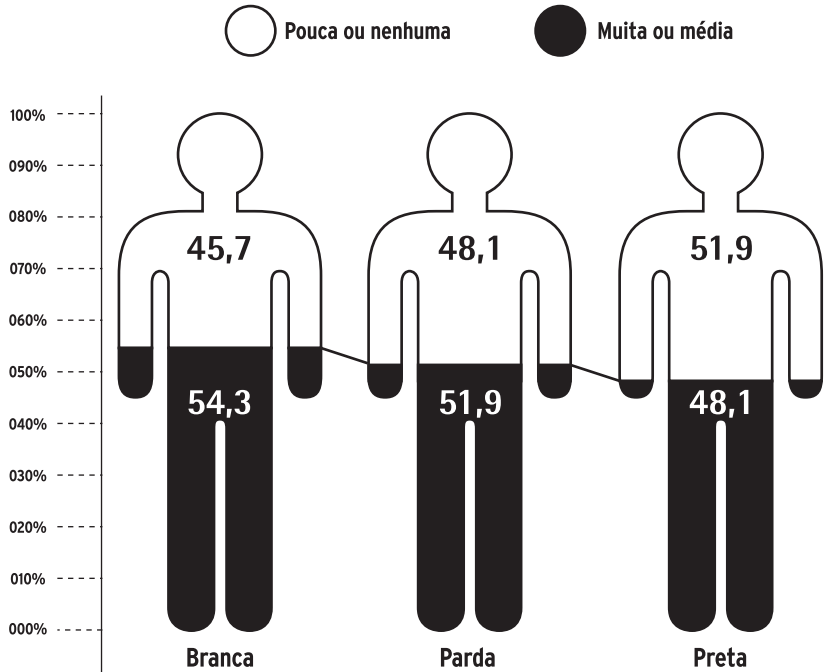
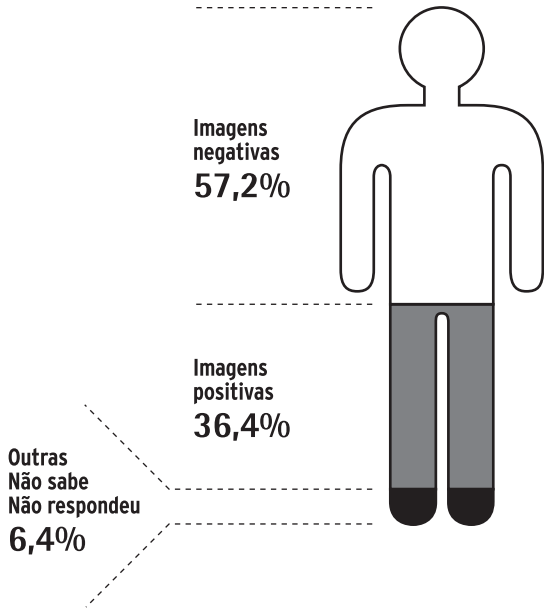
“ Principais denúncias que chegam às Ouvidorias da Polícia são de violência (SP), corrupção (RJ) e abuso de autoridade (MG).⁽¹⁰⁾ ”

" No Brasil, 59% das pessoas disseram ter mais medo que confiança na polícia. (...) Os mais pobres diziam que preferiam, mil vezes, topar com um bandido que com um policial na rua. Os de classe média afirmaram que a última pessoa que eles chamariam em uma situação de risco seria o policial. (...) "⁽¹¹⁾

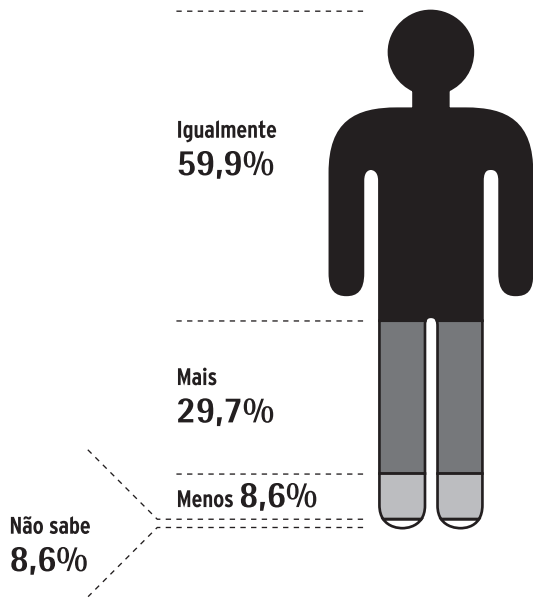
“ Quem vigia os vigias, vigia mal. ⁽¹²⁾ ”

Primeira idéia que os entrevistados associam à polícia

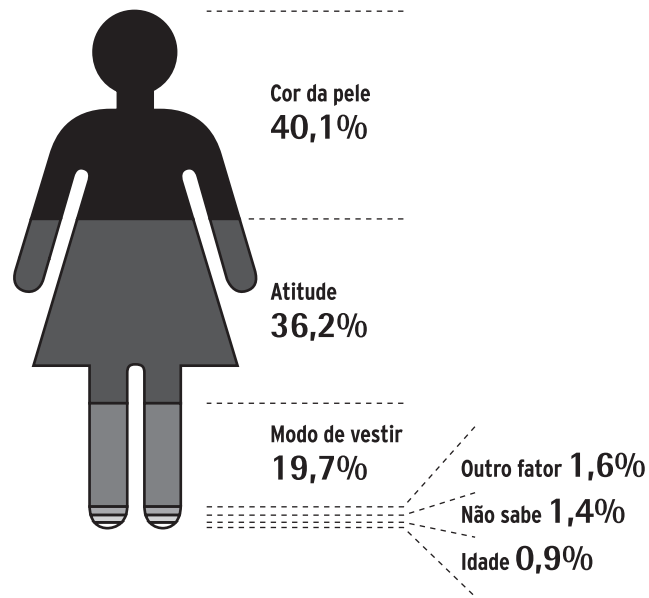
Confiança de homens e mulheres na polícia segundo raça ou cor



Opiniões sobre se a polícia é mais, menos ou igualmente racista que o restante da sociedade



Opiniões sobre a principal característica geradora de suspeição policial ⁽¹³⁾



"A polícia é um aparato de controle social. Ela surgiu na Inglaterra no contexto da Revolução Industrial. Então, obviamente, era um controle disciplinar sobre a camada operária. Como é uma sociedade muito homogênea, propiciou-se que se desenvolvesse esse modelo mítico do policial que é um bom cidadão, um cidadão exemplar e uma pessoa particularmente polida no trato social. Ou seja, muito treinado para ser civil no trato com as pessoas.

Situação que mudou no pós-guerra, justamente porque aí houve uma entrada em massa de imigrantes não ingleses. E aí o comportamento da polícia começou a degradar altamente na direção desses imigrados. E é um pouco o quadro da Europa no momento. Você tem uma polícia que é simpática com o cidadão e terrível em relação aos imigrantes de todo o tipo, legal ou ilegal. E isso dá o quadro de como a polícia muda, sobretudo, em um contexto de heterogeneidade social, onde existe um grupo que, em particular, é estigmatizado. E aí a atuação se torna sem rédeas em direção àquele grupo com relação a qual tudo pode.

No Brasil, há essa heterogeneidade constitutiva de uma sociedade onde negros e índios eram considerados como uma presença estranha à cidadania e essa condição, apesar de todas as mudanças culturais do país, em grande parte permaneceu como uma forma de concepção de que esse é o grupo potencial dos excluídos e que com ele essas regras não valem. Aparte das condições da cidadania." (14)

"A polícia é racista e o policial é racista. A corporação é racista na medida em que as instituições neste país são racistas. Agora, o policial na sua atividade cotidiana incorpora esse racismo. Policial não tem cor, tem uniforme. Quer dizer, na hora que ele vestiu aquele uniforme, ele é policial e ele vai funcionar como um integrante de uma instituição que, historicamente, sempre trabalhou com um viés racista. O racismo está presente em todas as etapas do funcionamento do Sistema da Justiça Criminal. O negro é mais morto do que o branco. A diferença não é a questão do estado socioeconômico.

A polícia rotula de Auto de Resistência o que ela chama de confrontos com a população. Mas, na verdade, o que a polícia está fazendo poderia ser, claramente, definido como Atos de Execução Sumária.



Não é possível mais que populações que não têm voz e que não conseguem se fazer presentes de alguma maneira na discussão dessa questão na sociedade continuem a ser, por exemplo, abatidas pela polícia. Quer dizer, claramente, nós temos uma polícia violenta e racista. Claramente a polícia trabalha com a lógica de que ela vive uma guerra. Então, ela tem que abater o inimigo.

E todas as pesquisas mostram que esse inimigo abatido é, desproporcionalmente, jovem e negro. Então, a gente tem que entender que a lógica da Segurança Pública neste país tem raízes no período da ditadura, quer dizer, na lógica da Segurança do Estado, da segurança que não era a Segurança do Cidadão. Num país como o Brasil, em que, claramente, nós temos uma polícia

violenta, uma polícia que trabalha, freqüentemente, no limiar entre a marginalidade e a legalidade, o controle externo, personificado na figura do Ouvidor de Polícia no Brasil, é uma estratégia muito importante de garantia da cidadania. O controle externo – que deveria ser absolutamente independente, autônomo e deveria poder investigar por conta própria – não é independente, não é autônomo e não pode investigar por conta própria. Nós precisamos conquistar para as Ouvidorias de Polícia o direito de investigar por conta própria. Enquanto isso não acontecer, as Ouvidorias serão reféns das Corregedorias e a gente vai caminhar muito pouco na elucidação dos crimes cometidos por policiais.”⁽¹⁵⁾



> Blitz Fotográfica

Performance realizada em São Paulo pelo artista Daniel Lima, integrante da Frente 3 de Fevereiro. Fotos ironicamente feitas por oficiais da PM. Trabalho exposto na fachada externa do 7º Batalhão da Polícia Militar de SP em 2003 para o projeto Genius Loci.

⁽¹⁰⁾ LEMGRUBER, Julita. Entrevista para a revista Época. 11/2/2004.

⁽¹¹⁾ LEMGRUBER, Julita. Entrevista para a revista Época. 11/2/2004.

⁽¹²⁾ LEMGRUBER, Julita. Entrevista para a revista Época. 11/2/2004.

⁽¹³⁾ RAMOS, Sílvia; MUSUMECI, Leonarda. Elemento Suspeito –

Abordagem policial e discriminação na cidade do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2005.

⁽¹⁴⁾ SEVCENKO, Nicolau. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

⁽¹⁵⁾ LEMGRUBER, Julita. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.



"Desde o começo a polícia trouxe essa ênfase fortemente repressiva, muito mais do que agir como elemento assegurador da ordem pública e, obviamente, do bem-estar da qualidade de vida. Não era a função. No princípio era repressiva, era essa de perseguir gente que tinha determinados perfis. O perfil do anarquista europeu e o perfil do quilombola do período final do século XIX." (16)

■ (16) SEVCENKO, Nicolau. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

3.2

Quem são e onde moram os "suspeitos"?

“O artifício da atitude suspeita vincula-se ao que Sidney Chalhoub chamou de 'estratégia de suspeição generalizada' utilizada para o controle das populações negras recém-libertas no final do século XIX.”⁽¹⁷⁾

"No final do século XX essa estratégia continua entranhada na cultura e nos procedimentos policiais como forma de manter sob controle os deslocamentos e a circulação pela cidade de segmentos sociais muito bem delimitados. A atitude suspeita carrega um forte conteúdo de seletividade e estigmatização.”⁽¹⁷⁾



É como dizer, toda população favelada é negra e todo negro é favelado e bandido. É a naturalização do "suspeito". ⁽¹⁸⁾

"Quando a polícia sobe os morros, mata três ou quatro e diz que eram todos traficantes. De qualquer forma, isso não justifica a 'pena de morte' aplicada no local, ou seja, a abordagem de atirar para matar antes de mais nada. Essa abordagem é uma forma de homogeneizar toda a população favelada e negra." ⁽¹⁹⁾

> Atitude Suspeita

Performance realizada na zona oeste de São Paulo, parte do projeto Zona de Ação, na qual um integrante do grupo se coloca em "atitude suspeita": sozinho, parado, com uma câmera de vídeo na mão, em frente a um Banco Bradesco.

⁽¹⁸⁾ BATISTA, Vera Malaguti. Dificéis ganhos fáceis - Drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Revan, 2003. p. 104.

⁽¹⁸⁾ Maurinete Lima, integrante da Frente 3 de Fevereiro.

⁽¹⁹⁾ BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Folha de S.Paulo, 23/2/2004.



CUIDADO
RACISMO POLICIAL

“

Os batalhões nas ár
para impor um controle,
que é a ordem da elite,

elas pobres estão lá
para impor uma ordem
da classe dominante.

43

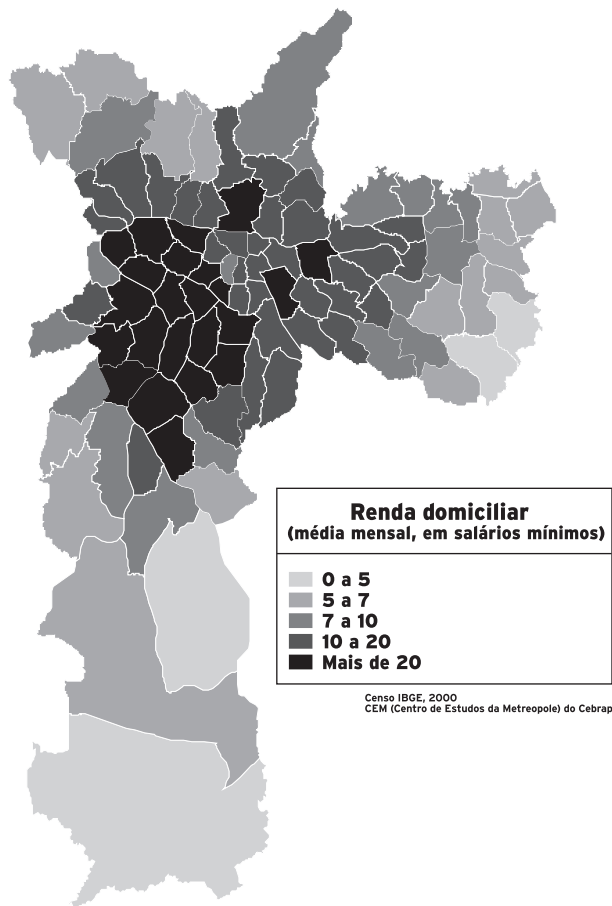
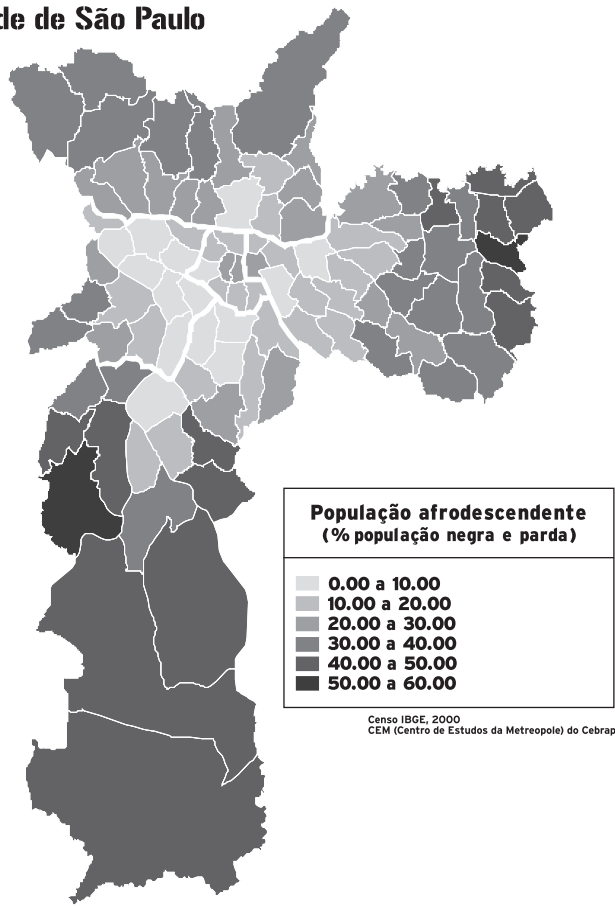
(20)

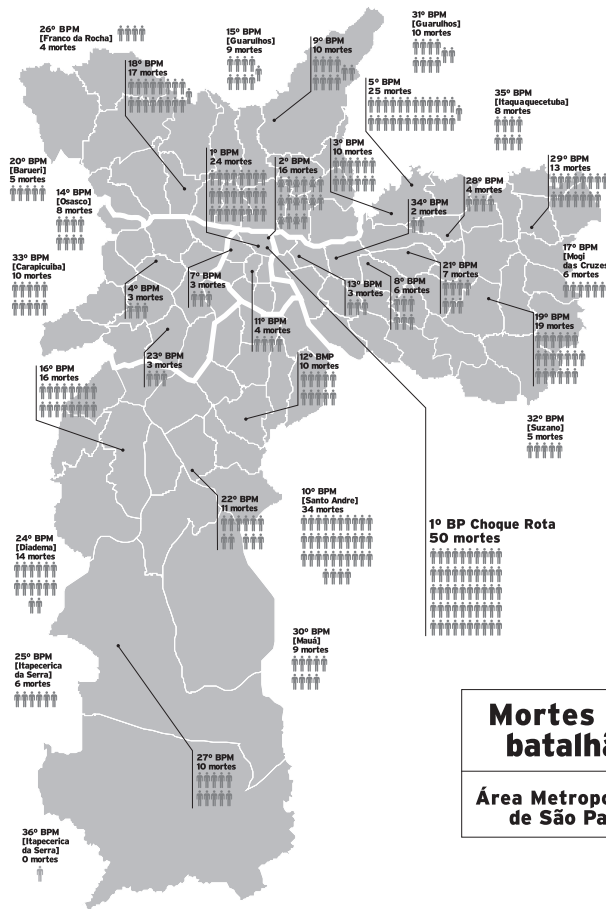
Julita Lemgruber

”

(20) LEMGRUBER, Julita. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

Cidade de São Paulo

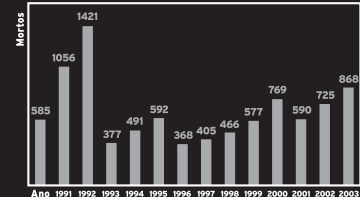




Mortes por batalhão

Área Metropolitana de São Paulo

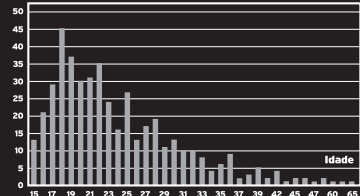
Mortes por policiais militares



Policiais militares mortos



Faixa etária dos mortos pela Polícia Militar



10 tipos de ocorrências que causaram mais mortes em confronto com a polícia

Roubo de veículos	157
Atitude suspeita	89
Roubo a comércio	68
Roubo à residência	26
Roubo à Polícia Militar	21
Roubo com refém	21
Roubo sem especificação	17
Discussão	15
Roubo a Pedestre	15
Averiguação de tráfico	14

Divisão de Polícia do Estado de São Paulo, 2003



> Cemitério São Luiz
Cemitério São Luiz, zona sul da cidade de São Paulo. As lápides revelam um grande número de mortos com menos de 30 anos de idade, conseqüência da violência que atinge a camada jovem da população.

3.3

Medo avaliza abuso policial e gera elite exterminadora

"Quando a polícia brasileira foi criada, sua função primordial era controlar ESCRAVOS, reprimir quilombos e ajuntamentos e açoitar escravos em locais públicos. No primeiro presídio, 95% dos presos eram escravos." (21)

**“Nunca, aqui, a polícia defendeu a cidadania.
Ela sempre defendeu uma elite
e esteve a serviço do poder.” (22)**

"Essa é a barbárie cotidiana que normalmente vitimiza quem não tem poder para questionar a ordem." (23)

"A Revolta dos Malês foi um movimento na Bahia em 1835, politizado e organizado, que assustou muito as elites brancas, porque eles eram muçulmanos e sabiam ler e escrever, enquanto a elite era basicamente analfabeta. Então foi uma coisa muito assustadora. Por que eu gosto dos Malês? Porque eles tinham uma perspectiva, uma perspectiva de tomar o poder. No meu livro eu mostro que os líderes Malês eram tratados como criminosos comuns. Os advogados dos Malês quase foram linchados na Bahia. É político! Tudo isso é político!" (24)

A Revolta dos Malês

A Revolta dos Malês foi uma rebelião de caráter racial, contra a escravidão e a imposição da religião católica. Ocorreu em Salvador, em janeiro de 1835, cidade que contava com metade de sua população composta de negros escravos ou libertos, das mais variadas culturas e procedências africanas, dentre as quais a islâmica, como os "Haussas" e os "Nagôs". Foram eles que protagonizaram a rebelião, conhecida como dos "Malês", pois esse termo designava os negros muçulmanos, que sabiam ler e escrever o árabe.

A partir da Revolta dos Malês as reações coletivas visando a tomada de poder ganham destaque, superando as reações pessoais como fugas, crimes contra feitores e o suicídio.

Os Malês compreenderam que poderiam usar o medo como estratégia, dada a atmosfera de receios e o aumento das discussões sobre o tráfico negreiro e a escravidão. Para as elites, a identificação de perigosas ameaças e a nomeação de medos correlatos justificaram uma maior interferência do Estado na "salvaguarda" do principal monopólio da boa sociedade, a escravidão. (25)

Trecho do livrinho Malê (encontrado no pescoço de um negro morto na revolta de 1835 na Bahia).

"Começo da 36ª Suratê do Alcorão: página 64-61 versículo 286: 'Deus não impõe a nenhuma alma uma carga superior às suas forças. Beneficiar-se-á com o bem quem tiver feito e sofrerá mal quem o tiver cometido. Ó Senhor nosso, não nos condene, se nos esquecermos ou nos equivocarmos! Ó Senhor nosso, não nos imponhas carga, como a que impuseste a ossos antepassados! Ó Senhor nosso, não nos sobrecarregues com o que não podemos suportar! Toleranos! Perdianos! Tem misericórdia de nós! Tu és Nosso protetor! Concede-nos a vitória sobre os incrédulos' (...) Página 47, Surate Al' Araça 7ª página 89 [final] (...) Ó Senhor nosso, decide com equidade entre nós e o nosso povo, porque Tu és o mais equânime dos juizes. Página 46 versículo 126 [final] (...) Ó Senhor nosso, concede-nos paciência e faz com que morramos muçulmanos!"



Fotos: Divulgação Educafro

> Educafro Ação Banco

Luta pela inclusão de afrodescendentes no mercado de trabalho organizada pela Educafro em 2005.



W

> Colagem Cartaz
Integrantes da Frente 3 de Fevereiro colam
cartazes nas ruas de São Paulo.

Foto: Frente 3 de Fevereiro

"Desde os tempos da escravidão, a prática social alimentada pelas elites é de delimitar o inimigo como o outro – no caso brasileiro, o negro e o pobre – e clamar por estratégias duras de controle e punição. A estética da escravidão herdada pela sociedade contemporânea é muito presente na atual 'paranóia da segurança' vivida no país. Se antes a fantasia era o quilombo, hoje o medo é da periferia e do morro. As elites têm medo, mas é a população da periferia e da favela que vive o terror e a barbárie no dia-a-dia." (26)

"A polícia brasileira – (...) todo o sistema policial, todo o sistema penal – é fundada para fazer o controle da escravidão. Era o dilema de como governar, como manter a ordem escravocrata – que é uma ordem onde a maioria das pessoas está submetida a condições desumanas e uma minoria branca, que é o medo branco, sempre com medo do inevitável, da inevitável erupção dessa conflitividade que é óbvia – então, a polícia tem essas raízes históricas de manutenção da ordem escravocrata." (27)

(21) BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Folha de S.Paulo, 23/2/2004.

(22) LEMGRUBER, Julieta. Entrevista para a revista Época, 11/2/2004.

(23) BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Folha de S.Paulo, 23/2/2004.

(24) BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

(25) BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Folha de S.Paulo, 23/2/2004.

(26) BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

(27) BATISTA, Vera Malaguti. O medo na cidade do Rio de Janeiro - Dois tempos de uma história. Editora Revan. Rio de Janeiro, 2003.

04

O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

**4.1. Resquícios da
sociedade escravocrata:
como nasce a "cidadania"?**

**4.2. Futebol como metáfora
da democracia racial**



> **Banana Grafite (Folha de S. Paulo)**

Banana atirada no gramado do estádio do Pacaembu, em São Paulo, durante partida entre a seleção do Brasil e da Guatemala. Ato de hostilidade contra Grafite, atacante do São Paulo, 2005.

4.1

Resquícios da sociedade escravocrata: como nasce a "cidadania"?


“*cidadania*
conceito de cidadania que entra no Brasil e,
ao mesmo tempo, desqualifica todo mundo
que não é branco, do sexo masculino e proprietário.”⁽²⁸⁾”

"No início do século 19, com o direito penal da escravidão. Justamente nessa conjuntura de 1830, logo após a Independência. Nessa época, o país deixou de ser regido pelas ordenações e, em 1824, tivemos a primeira Constituição. Depois, em 1830, tivemos o primeiro Código Penal. E é isso o que instaura o que eu chamo de 'cidadania' - conceito de cidadania que entra no Brasil e, ao mesmo tempo, desqualifica todo mundo que não é branco, do sexo masculino e proprietário. Quando o liberalismo e seus diplomas legais

entram no Brasil, você tem o tempo todo a desqualificação jurídica do escravo, que aparece como 'coisa' perante o ordenamento político da vida privada e como 'pessoa' apenas perante o direito penal. E o neoliberalismo comporta esse legado escravocrata porque o tempo todo nós tivemos uma subcidadania. E isso quer dizer que, na verdade, nunca houve cidadania, porque este é um conceito que está naquela categoria na qual ou todo mundo é ou ninguém é. E esse conceito já entra no Brasil com ambigüidade." ⁽²⁹⁾







“O Brasil sempre foi um país perverso com a sua negritude e, ao mesmo tempo, sempre foi um país negro, um país africano.”⁽³⁰⁾”

> Coluna Laser III

Coluna Infinita - Mar, trabalho de Daniel Lima. Um raio laser parte do Museu de Arte Moderna da Bahia no Solar do Unhão, antigo local de venda de escravos, em direção ao mar. Criado para a exposição I Mostra Pan Africana de Arte Contemporânea, 2005.

Foto: Daniel Lima

“O Brasil nunca teve uma segregação racial formal, institucionalizada. Mas não teve porque não precisou, porque estava na regra social, ela era praticada, não precisava ser institucionalizada.”⁽³¹⁾

⁽²⁸⁾ BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Folha de S.Paulo, 23/2/2004.

⁽²⁹⁾ BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Folha de S.Paulo, 23/2/2004.

⁽³⁰⁾ BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

⁽³¹⁾ SEVCENKO, Nicolau. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

4.2

Futebol como metáfora da democracia racial

A mestiçagem criou no Brasil uma sensação de harmonia e acomodação dos diferentes povos que constituíram esse povo, povo brasileiro. Uma aparente afetividade entre os diferentes.

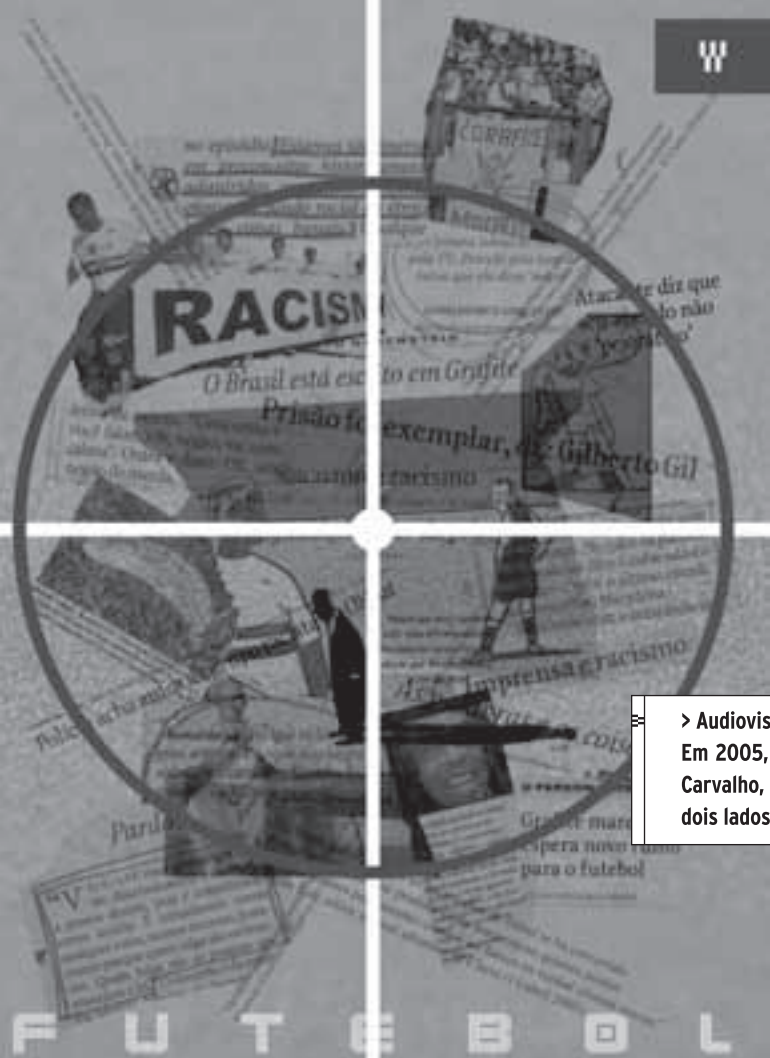


> Ação Fórum

No dia 3 de Fevereiro de 2006, apoiamos a manifestação do Movimento dos Sem-Teto do Centro (MSTC) na praça João Mendes, em frente ao fórum que julgava o futuro da maior ocupação vertical da América Latina, localizada na avenida Prestes Maia. Abrimos, junto com o movimento por moradia, a bandeira Zumbi Somos Nós.

"No Brasil, o racista é sempre o outro, e o Grafite caiu que nem colher na sopa, aí estava um caso de racismo que nem nos competia, nos competia delatar o outro. Essa é a diferença entre um fato e um evento. O fato é aquele com o qual a gente convive no dia-a-dia. E o que é um evento? Um evento é quando o fato adquire significação. Então, o que me interessa é pensar por que o caso Grafite ganhou repercussão na mídia, se nós convivemos com isso todo o tempo? Por que esse fato se transformou em evento? Na minha opinião, é porque se tratava da demonstração de um 'preconceito de ter preconceito'. Ou seja, nessa sala ninguém tem preconceito, mas todo mundo conhece um desgraçado que tem preconceito. Então, estamos cercados por racistas e resistimos." (32)

(32) SCHWARCZ, Lília. Diálogo com Noel Carvalho, realizado pela Frente 3 de Fevereiro.



Montagem: Frente 3 de Fevereiro

> Audiovisual Futebol

Em 2005, a partir de entrevista com o sociólogo e cineasta Noel Carvalho, criamos o roteiro Futebol, paródia de um jogo ao vivo: dois lados da platéia, dois personagens antagônicos.



> Audiovisual Futebol

O resultado deste trabalho foi a apresentação audiovisual Futebol, realizada no teatro do Sesc Pompéia, em razão da abertura do Festival Videobrasil 2005. Também foi apresentada em Berlim, no teatro HAU, integrando o evento Copa da Cultura.

Fotos: Divulgação Videobrasil





> PERSONAGEM A:

NÃO! O problema é dizer NÃO. Jogar o jogo da ofensa, tudo bem... O problema é se recusar a aceitar. O Grafite foi contra. Ponto!

Ninguém legisla sobre isso. Essa lei anti-racista você não discorda ou concorda com ela. Você convive com ela. É uma lei democrática. É tão simples que eu não tenho nem o que falar dessa questão. Um negro se ofendeu com uma ofensa racial. Ponto. Ele procura os seus direitos. Isso não se discute. Não se discute o racismo. Não se discute o espancamento de mulheres. Cumpre-se uma lei. Ponto.

> PERSONAGEM B:

Tá reclamando do quê? No Brasil existe uma harmonia entre as raças, reconhecida em prosa e verso, e principalmente no comportamento das pessoas. Aqui tem sol. Tá reclamando de quê, criatura? Somos um cadinho de raças, uma verdadeira democracia racial.



> PERSONAGEM A:

Pare e olhe para a base. Nós somos um cadinho de raças? Nós somos uma democracia racial? Como pode a democracia racial aparecer em um país que não tem tradição de democracia política? O ideário de democracia racial não aparece historicamente no século XIX para acomodar estrangeiros? O ideário de democracia racial traz algum avanço em relação à questão do negro? O negro está realmente em questão quando se fala em democracia racial?

Onde estão os negros? Onde está a história? Onde estão os negros na história?

> PERSONAGEM B:

Não sei, sinceramente, se as ofensas ditas num jogo de futebol são provas de racismo e discriminação. Realmente não sei se num momento de raiva, quando xingo alguém, eu estou sendo racista. Não! Não! Eu acho que só estou expressando uma raiva momentânea.

> PERSONAGEM A:

Características de repertório: 1) É básico; 2) É simples; 3) É óbvio; 4) É clássico.

Consiste em diminuir o outro à condição do: 1) Animal; 2) Telúrico; 3) Biológico; 4) Macaco.

Retiram-se assim valores fundamentais para a sociedade ocidental tais como:

1) Raciocínio; 2) Intelecto; 3) Inteligência; 4) Capacidade abstrata.

O "bom senso" é difícil de ser definido? Já não se pode dizer o mesmo do racismo. O Brasil não é racista? Um negro não pode se sentir ofendido porque teve sua etnia reduzida ao animal? Isso não é ofensivo? Isso pode não ser um problema? Sobre todos os pontos de vista é ofensa e é racial! Ponto.

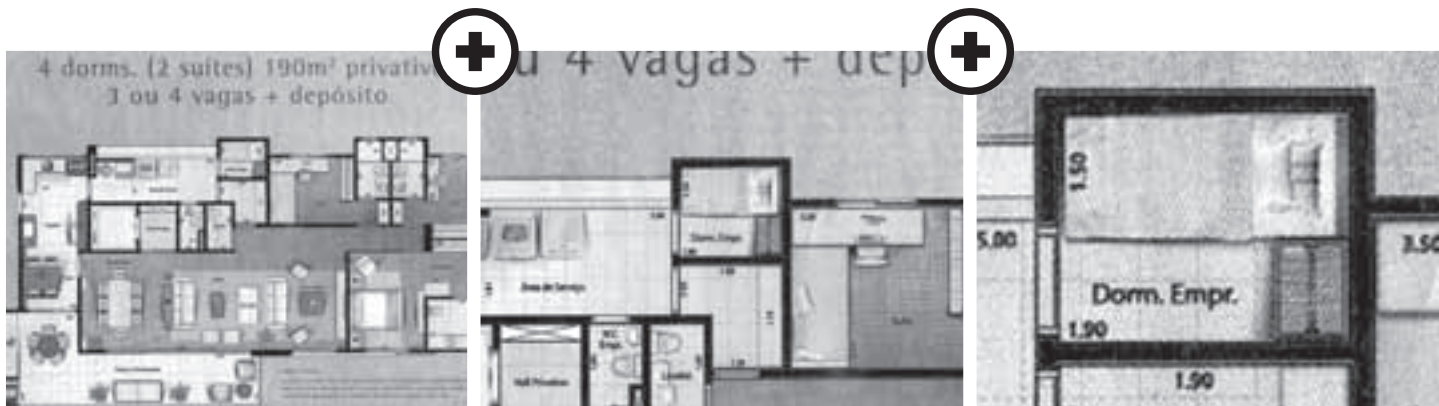
> PERSONAGEM B:

Não me culpe por não ter sido tão bem alimentado quanto eu. Eu não tenho culpa do teu cabelo ruim. O meu é liso. Não fui eu quem te jogou no catifeiro da escravidão. Não te peço desculpas nem te reconheço como vítima. Não me culpe

por sua preguiça. Freqüenta a minha mesa e sentamos no mesmo banheiro.

> PERSONAGEM A:

O Brasil é um país com tradição escravocrata. No Brasil a esquerda tem tradição escravocrata, a direita tem tradição escravocrata, negros têm tradição escravocrata. A escravidão foi realmente uma coisa que contaminou de uma maneira péssima as relações no Brasil. Nós somos tão perversos com essa história de relações raciais, que se as pessoas tivessem um ideário de "democracia racial" estaria bom. O Brasil até pouco tempo tinha exame de boa aparência. Em uma ficha de emprego você colocava se tinha ou não boa aparência, o que é claramente uma perspectiva racial. Vendem-se até hoje apartamentos com quarto de empregadas, isso é típico de um país que teve escravidão. É claramente uma tradição escravocrata. É cultural, e cultura você não elimina com decreto. Você não elimina com decreto o sujeito construir apartamento com quarto de empregada. Ter uma senzala dentro do apartamento. É cultural.



> PERSONAGEM B:

Pouco me importa que vocês, guardiões do politicamente correto, tentem me fazer acreditar que sou negro. Não me considero. Minha mãe é negra e meu pai branco. Puxei mais a ele. Na minha certidão de nascimento estou classificado como branco. E é isso que me importa. Não sou obrigado a me ver como negro. Meu pai não era negro.

> PERSONAGEM A:

No Brasil, por um processo natural de cruzamentos, as pessoas podem ficar brancas. A regra é o embranquecimento. Seja pela ascensão social, seja pela relação com brancos, muito bem-vindos, porque afinal, os filhos vão ficar mais claros. Brancos, claro. No começo do século, apostava-se que o Brasil no final do século seria branco. E além disso havia uma idéia de que aquela população mestiça escura, população negra, aquela população mulata, se cruzada com europeus, iria melhorar a raça. Incrível! No Brasil você pode embranquecer, e a cosmética de relações raciais diz que se você enriquece você perde a cor. Isso mesmo, você ganha dinheiro e perde a cor. Há! Azar de quem acreditar nisso, vai se dar mal, negro que acreditar nisso vai se dar mal, vai “engolir muito sapo”, vai se magoar bastante.

> Ação Bandeiras

Após campanhas anti-racistas no futebol europeu, tivemos no Brasil um caso sem precedentes: o jogador argentino Leandro Desábato, do clube Quilmes, ficou preso cerca de dois dias por acusação de racismo durante um jogo. As ofensas racistas foram dirigidas ao jogador Grafite do São Paulo Futebol Clube. A sociedade se manifestou revelando jogos ideológicos para além do futebol. A situação foi o ponto de partida para a nossa investigação, como parte do projeto Futebol: a multidão e sua força; as transmissões em cadeia nacional; arquivos televisivos; textos publicados na imprensa; mesas de debate; manifestações racistas e anti-racistas; depoimentos de jogadores, torcedores, diretores de clubes e juizes. O campo de ação foi o estádio de futebol, onde abrimos, com o apoio de torcidas, três bandeiras gigantes (20m x 15m) com mensagens que questionam o racismo na sociedade brasileira: Brasil Negro Salve, Onde Estão os Negros? e Zumbi Somos Nós. Intervenções em grande escala em um espaço onde se pressupõe a convivência harmônica entre as diferenças etno-sociais.

Imagem: Frente 3 de Fevereiro

Imagem: Frente 3 de Fevereiro

Foto: Pretiza





Fotos: Frente 3 de Fevereiro

Fotos: Frente 3 de Fevereiro

Fotos: Divulgação Videobrasil

O Brasil não quer nos ver como negros, nós é que chamamos a atenção para a questão negra. E quando nós chamamos a atenção para isso nós somos interpelados como racistas, armadilha perigosíssima. Nós não podemos construir uma identidade porque ferimos a idéia de nacionalidade. A sociedade é racialmente complicada e a tentativa é inverter a jogada, dizer que nós, ao reivindicarmos a cor, estamos chamando a atenção para a raça. Ora, chamar a atenção para a raça não significa ser racista, significa só chamar a atenção para a raça, isso não pode aterrorizar as pessoas. O chamado feito é num sentido positivo, de igualdade, de participação, porque os racistas também fazem isso, eles apontam a tua cor. Mas para te inferiorizar, humilhar, ofender, diminuir, rebaixar, depreciar, degradar. É importante que essa luta não se confunda com o racismo. Essa é uma luta de igualdade, democracia, junto inclusive com brancos.

Racismo negro? Não! O racismo é branco! Não foram os brancos que foram escravos no Brasil. Foram os negros! Foram quase 400 anos de escravidão negra! A idéia de você racializar o discurso não é para tomar uma oposição ao branco, mas sim a idéia de que eu, quando digo que sou negro, assumo a minha ascendência, a minha história e estou disposto a construir o reino da diversidade. E ao mesmo tempo estar diante da mestiçagem, mas a mestiçagem como reino da diversidade e não com uma idéia de que nós temos uma ascendência que precisa ser maquiada. Da diversidade real, não da fantasia. É como se você tirasse a máscara da democracia racial e, por trás dela, tivesse um Brasil verdadeiro e, aí sim, diverso e mestiço. Nós negros, índios, mulheres, temos que civilizar as relações neste país, porque eu acho que os brancos, a classe dominante neste país, que é toda ela branca, é incivilizada, é isso que eu acho, as relações aqui são incivilizadas.



Fotos: Petizza

As relações sociais são mediadas e a idéia de democracia racial vem como um harmonizador, você internaliza o preconceito, desde os apelidos, algo que parece indolor, isso vai se acumulando, se acumulando, até o momento no qual você é exterminado fisicamente como foi o caso do Flávio Sant'Ana.

O negro tem um papel fundamental na civilização das relações sociais no Brasil. Insisto, a expressão é esta: civilização das relações, porque elas são absolutamente selvagens conosco.

A interpelação é assim: sou negro sim, sou brasileiro, quero meus direitos e não estou tirando nada de ninguém. Não estou dizendo que branco é ruim, é pior, não estou dizendo nada, estou dizendo: sou negro, tenho orgulho de ser negro e quero meus direitos, como cidadão brasileiro. Eu não preciso me integrar à sociedade.

Eu sou a sociedade. ⁽³³⁾

O futebol é uma situação exemplar potente, em que se expressa a idéia de igualdade social e racial e, ao mesmo tempo, se revelam os preconceitos mais arraigados da cultura ocidental e a naturalidade com que aceitamos, reproduzimos e perpetuamos estereótipos racistas.

⁽³³⁾ Fragmento da peça **Futebol**, criada em 2005 pela Frente 3 de Fevereiro, baseada em entrevista com Noel Carvalho.



05

O RACISMO NO COTIDIANO E SUA INTERNALIZAÇÃO

5.1. Brasil de todas as cores

5.2. A doença do embranquecimento:
um relato de Frei Davi

5.3. O que fez o cabelo
para ser chamado de ruim?

5.4. Injúria ou racismo?

1. acastanhada 2. agalegada 3. alva 4. alvarenta 5. alvarinte 6. alvinha 7. alvo-escura
 8. alvo-rosada 9. amarela 10. amarelada 11. amarelo-queimada 12. amarelosa 13. amo-
 renada 14. avermelhada 15. azul 16. azul-marinho 17. baiano 18. bem-branca 19. bem-
 clara 20. bem-morena 21. branca 22. branco-avermelhada 23. branco-melada 24. bran-
 co-morena 25. branco-pálida 26. branco-queimada 27. branco-sardenta 28. branco-suja
 29. branquiça 30. branquinha 31. bronze 32. bronzeada 33. bugra-zinha-escura 34. burro-
 quando-foge 35. cabocla 36. cabo-verde 37. café 38. café-com-leite 39. canela 40.
 canelada 41. cardão 42. castanha 43. castanho-clara 44. castanho-escura 45. cho-
 colate 46. clara 47. clarinha 48. cobre 49. corada 50. cor-de-café 51. cor-de-canela
 52. cor-de-cuia 53. cor-de-leite 54. cor-de-ouro 55. cor-de-rosa 56. cor-firma
 57. crioula 58. encerada 59. enxofrada 60. esbranquecimento 61. escura 62. escurinha
 63. fogoio 64. galega 65. galegada 66. jambo 67. laranja 68. lilás 69. loira 70. loiro-
 clara 71. loura 72. lourinha 73. malaia 74. marinheira 75. marrom 76. meio-amarela
 77. meio-branca 78. meio-morena 79. meio-preta 80. melada 81. mestiça 82. misci-
 genação 83. mista 84. morena 85. morenada 86. morenã 87. moreninha 88. moreno-
 bem-chegada 89. moreno-bronzeada 90. moreno-canelada 91. moreno-castanha
 92. moreno-clara 93. moreno-cor-de-canela 94. moreno-escura 95. moreno-fechada
 96. moreno-jambo 97. moreno-fechada 98. moreno-parda 99. moreno-roxa 100. moreno-
 trigueira 101. mulata 102. mulatinha 103. negra 104. negota 105. pálida 106. paraíba
 107. parda 108. pardo-clara 109. pardo-morena 110. pardo-preta 111. polaca 112. pouco-clara
 113. pouco-morena 114. pretinha 115. puxa-para-branca 116. quase-negra 117. queimada
 118. queimada-de-praia 119. queimada-de-sol 120. regular 121. retinta 122. rosa 123. ro-
 sada 124. rosa-queimada 125. roxa 126. ruça 127. ruiva 128. sapecada 129. sarará
 130. saraúba 131. tostada 132. trigo 133. trigueira 134. turva 135. verde 136. vermelha⁽³⁴⁾

5.1

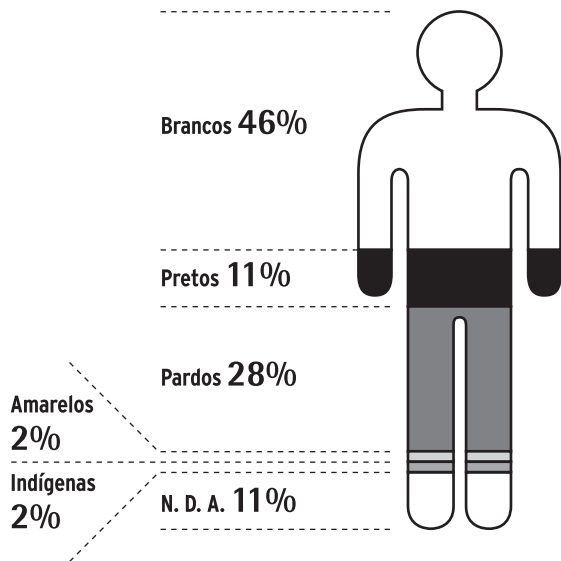
Brasil de todas as cores

“Às vezes, a discriminação
está menos nas palavras
e mais no jeito de olhar.”

“A cor [no Brasil] é percebida com uma situação de condição. Então muitas pessoas dão respostas do tipo ‘queimada de sol’. Isso permite pensar que a pessoa não acha que é preta, acha que está preta naquele momento.”⁽³⁵⁾

“No Brasil, a mistura de definições, baseada na descrição da cor mas também na situação econômica e social, teria gerado um uso elástico dos termos, consolidado em 1976, depois que o IBGE fez sua PNAD. Diferentemente do censo, no qual a cor é determinada pelo pesquisador, nesse caso os brasileiros atribuíram a si mesmos 136 cores, reveladoras de uma verdadeira ‘quarela do Brasil’.”

No Brasil, quantos se consideram:



Fonte: Folha de S.Paulo, fevereiro de 2004. ⁽³⁶⁾

Branco.

Adj. 1. Diz-se da impressão produzida no órgão visual pelos raios de luz não decomposta. 2. Da cor da neve, do leite, da cal; alvo, cândido. 3. Diz-se das coisas que, não sendo brancas, têm cor mais clara do que as outras da mesma espécie. 4. Claro, transparente, translúcido. (...) 8. Diz-se de indivíduo de raça branca. 9. Fig. Sem mácula; inocente, puro, cândido, ingênuo.

Pardo.

Adj. 1. De cor entre o branco e o preto; quase escuro. 2. De um branco sujo, duvidoso. 3. De cor pouco brilhante, entre o amarelo e o castanho. 4. Diz-se de qualquer coisa dessas cores. 5. Mulato (5). S. m. 6. A cor parda. 7. Mulato (1).

Negro.

Adj. 1. De cor preta. 2. Diz-se dessa cor; preto (...) 3. Diz-se do indivíduo de raça negra; preto. 4. Preto. 5. Sujo, encardido, preto (...) 7. Muito triste; lúgubre. (...) 8. Melancólico, funesto, lutuoso (...) 9. Maldito, sinistro (...) 10. Perverso, nefando (...) 12. P. Ext. Escravo... ⁽³⁷⁾

⁽³⁶⁾ SCHWARCZ, Lília. Diálogo com Noel Carvalho, realizado pela Frente 3 de Fevereiro.

⁽³⁷⁾ Folha de São Paulo, fevereiro de 2004.

⁽³⁷⁾ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

⁽³⁸⁾ Folha de S.Paulo, 1/5/2006.

"22% dos negros são alvo de ofensas – a pesquisa que avaliou a violência nas escolas também mostra que os estudantes que declararam ter cor preta sofrem mais com o preconceito: 22% deles já foram xingados por causa de sua cor de pele, percentual que cai para 6% entre os estudantes brancos.

Além disso, entre os xingamentos mais comuns lembrados por professores e alunos, muitos deles eram de cunho racista. Entre as palavras mais lembradas para agredir, os alunos citaram apelidos como

'macaco', 'escrava', 'picolé de asfalto' ou 'cabelo duro'. As agressões feitas por professores lembradas foram 'arrom-bados', 'raça podre' ou 'negros descarados', entre outros. Uma coisa é o aluno ganhar um apelido por causa da cor da pele. Outra é quando esses apelidos são repetidos com o objetivo de agredir ou ofender o aluno. Professores e diretores interferem pouco nos problemas entre os alunos e boa parte das agressões verbais a estudantes provém dos próprios professores." ⁽³⁸⁾



Fotos: Divulgação Educafro

> Educafro Shopping

Organizada pelo Educafro, ocupação no Shopping Higienópolis por mais de três mil manifestantes, 2005. "Lojas de shoppings não contratam funcionários negros. Em 2004, das 221 lojas visitadas pelos participantes do projeto Educafro no shopping Higienópolis, em São Paulo, havia apenas 15 funcionários negros, 6 manequins negros e quatro lojas com decoração afro. (...) No dia 20/11, Dia Nacional da Consciência Negra, a Educafro retornou ao shopping, ocupando todos os espaços com 3.000 militantes. (...) Os dirigentes do shopping mostraram-se preocupados com as contínuas ações da Educafro e decidiram estudar a construção de cláusulas contratuais exigindo das futuras lojas diversidade na contratação." <http://www.differentialdiversidade.com.br/noticias.php?dt=2006-04>



> Propaganda Parmalat

Propaganda impressa veiculada pela empresa Parmalat em 1997.

"A imagem nos mostra, a princípio, que as duas raças, a negra e a branca, representando o café e o leite, vivem em harmonia. Mas ao lermos o texto, num segundo momento, ficamos perplexos e nos dispomos a reler para testificar e analisar mais de perto a mensagem junto com a imagem. A disposição das cores analisadas com o texto exposto, nos impressiona com o teor racista nela presente. Sabemos que a cultura brasileira apresenta em sua história raízes preconceituosas, onde negros foram e são marginalizados socialmente e também economicamente. A idéia que o texto nos passa é que só agora o negro chegou num patamar se igualando ao branco, que antes o negro não tinha valor, e só agora ele conseguiu." MIRANDA MEDEIROS, Patrícia; SANTOS COSTA, Viviane dos. Linguagem publicitária, UERJ. http://www.filologia.org.br/pub_outras/sliit01/sliit01_77-90.html

5.2

A doença do embranquecimento: um relato de Frei Davi

"Entrei no seminário em março de 1976. Lá no seminário éramos 37 seminaristas. Desses, acho que uns 30 eram brancos, de origem italiana, alemã etc. E, no dia 13 de maio, eles decidiram comemorar a Lei Áurea. Então, no refeitório grande, na mesa do meio do refeitório, eles (...) enfeitaram de Navio Negreiro e falaram: 'Olha, todos os negros vão receber uma homenagem, devem sentar na mesa do meio para almoçar!'"

“*Eu venho de uma realidade, na qual meu pai é muito negro e minha mãe é muito branca. Uma realidade onde a família, um pouco, neutralizou a discussão racial. E nos colocou à família da minha mãe, branca. Então, nós carregamos conosco a idéia de que nós éramos brancos, nós éramos pessoas queimadas pelo sol, morávamos na beira da praia, íamos à praia... Era só isso!*”

Nesse dia 13 de maio de 1976, os seminaristas, fazendo uma brincadeira do 13 de Maio, quando todos os negros se sentam na mesa, alguém grita: “Opa, tem uma cadeira vazia, falta alguém, quem está faltando?” Ai gritaram: “Aaahh, é o Davi!” Me pegaram pelos braços, me arrastaram e me colocaram na mesa entre os negros. Para mim, aquilo foi a coisa mais cruel da minha vida, porque me chamaram, publicamente, de negro. Assim que me soltaram, dei uma porrada na mesa, quebrei um prato, saí e fui embora. Fui arrumar a mala para ir embora para casa. Eu pensei assim: “Eu vim aqui para viver a fraternidade, mas aqui você me chama de negro, então não tem fraternidade aqui. Tô fora!”

E aí, enquanto eu ia para o dormitório arrumar a mala para ir embora, alguém correu e avisou ao mestre: “Olha, houve um incidente com um seminarista, com o seminarista Davi, e ele está arrumando a mala para ir embora.” O mestre saiu correndo, foi para lá ver. Falou: “Davi, o que aconteceu?” Eu disse: “Olha, Frei, me chamaram de negro! Eu acho que tem que se respeitar as pessoas, e me chamar de negro é ofensa. Eu vim aqui para viver a fraternidade. Se é para ser ofendido, prefiro ir embora!”

Ele disse: “Davi, se você quer ir embora, é um direito seu! No entanto, quando você chegou aqui, você disse que queria viver a fraternidade, saber perdoar, você queria ser franciscano porque o forte de Francisco de Assis é perdoar, viver a fraternidade. Então, quando você encontra o primeiro problema, a solução é arrumar a mala e ir embora? É sinal de que você ainda não tem convicção ainda para ser franciscano. Então, se você quer ir embora, vai! Mas, pelo menos, fique um pouco mais e vivencie um pedacinho do seu franciscanismo. Agüente aqui até amanhã, olhe para a cara de seus companheiros que te ofenderam, perdoe cada um, e amanhã, com o coração resolvido, você pode ir embora em paz, sem guardar ódio dos seus irmãos. Fazendo isso, eu acredito que você quer ser franciscano, que você é alguém que vai ser muito bom na sociedade.”

Bem... eu então fiquei em xeque-mate! Se eu fosse embora naquela hora, ele diria que, realmente, eu era alguém que não tinha convicção no que estava pregando. Então fiquei, fiquei mais um dia para conviver, pedir perdão e ir embora. Esse Frei me escalou pro trabalho da tarde, me escalou para colher frutas e me colocou num grupo que era só composto daqueles que fizeram comigo aquele ato.

E quando percebi aquilo, pensei: "Puxa vida... foi a pior coisa do mundo! Tá bom...Vou lá com o grupo colher fruta, mas o que eu faço?" Escolhi a atividade menos interativa: segurar a cesta. Eles colhiam a laranja, jogavam a laranja na cesta e eu levava para a sacola. Portanto, era só segurar a cesta e olhar para baixo. E assim fiz, segurei a cesta.

Acabou o trabalho comunitário, subi pro banho e ele me chamou: "Davi, te observei! Você não olhou pro rosto dos seus companheiros, você não os perdoou. Portanto, nada está resolvido em você! Eu, hoje à noite, após o jantar, não vou sair para atividade, para dar aula na faculdade, vou ficar aqui e posso te receber para uma conversa, você aceita?" Respondi: "Sim, Frei! Aceito!" E fiquei.

E ali ele começou na conversa, a noite chegou... começou: "Olha, pois é, o Flamengo é um time legal, tatatá..." "É Frei! Eu sou Flamengo também!" Criou um clima de descontração. Quando ele percebeu que eu estava totalmente light, ele falou: "Você tem aí uma foto da sua mãe?" "Tenho, Frei!" Enfie a mão na carteira, tirei a foto da minha mãe branca, e mostrei para ele. Ele olhou e falou: "Ué!? Sua mãe é branca?" "Lógico Frei, eu sou branco, minha mãe é branca." Ele mudou de assunto e falou em praia, falou em praia de Copacabana, e até que chegou nas praias da minha cidade, Vitória, Espírito Santo, falou em Guarapari, falou da praia de Camburi, praia da Costa.... Eu disse: "Pois é, Frei! Ali foi minha área de convívio, tomava muito banho de praia..." Quando eu começo a falar de praia que ele viu que eu tava solto, ele pergunta: "Você tem aí uma foto do teu pai?" Ter, tenho, mas está lá na mala. "Pois é! Vai lá buscar para eu ver, conhecer seu pai." "Mas, Frei, a mala está fechada, já vou embora amanhã, para que ir buscar a foto do meu pai?" Ai: "Não! Eu já conheci sua mãe pela foto, me dê esse prazer! Eu quero conhecer seu pai pela foto também."

Aí, todo chateado, levantei, fui lá no dormitório, abri a mala e, lá no fundo, estava a foto do velho. Peguei a foto dele e trouxe, todo envergonhado.

“ Mostrei para ele e ele gritou: "Oh! Parabéns, seu pai é negro!!!" Quando ele falou isso... Pá!!!... Me deu um choque no corpo! E ali comecei a passar mal. Ele foi, pegou a água, me deu para tomar e ali mandou sentar e falou: "Oh Davi! Eu pedi para você trazer uma foto do teu pai porque eu queria saber o quanto você está doente! Eu queria saber o grau da doença em você. E Davi, você tem uma doença chamada de ideologia do embranquecimento." **”**

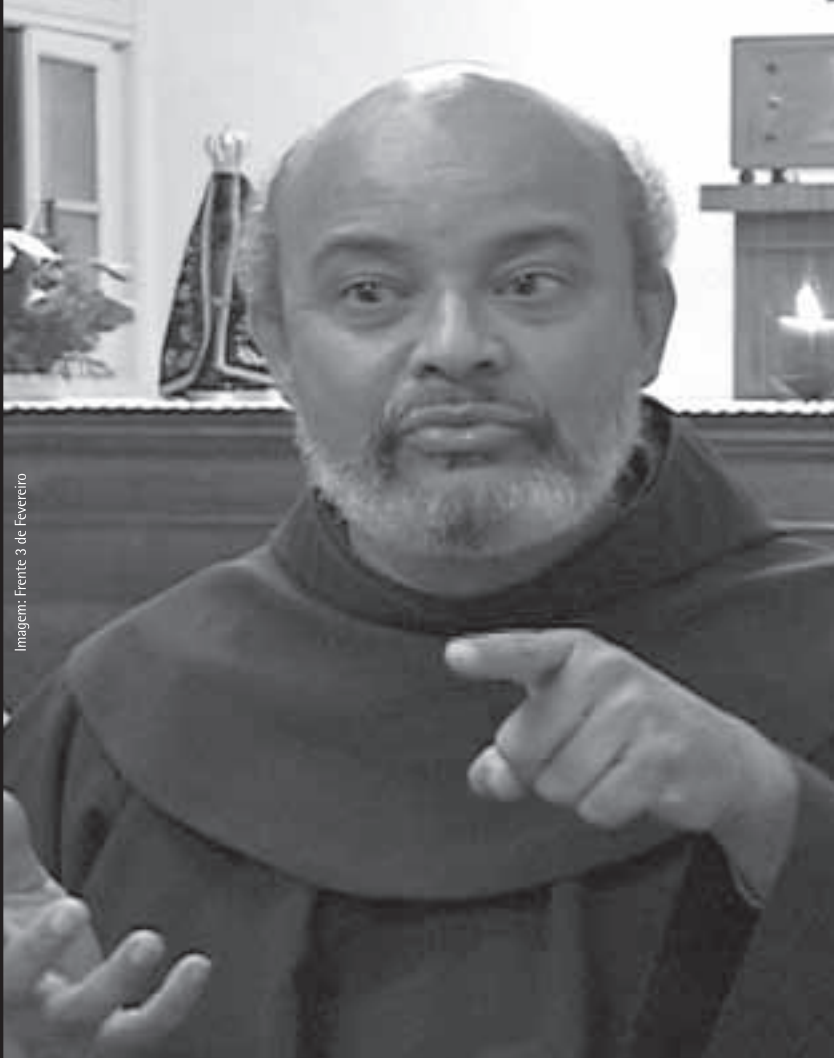
Você assimilou a sociedade dominante que lhe falou que ser branco é sucesso. E você quer ser branco, você nega seu povo negro. Só que isso é uma doença. Você não escolheu, você foi contagiado. E tem outra, Davi, só existe um remédio para essa doença. Está na sua cabeça. É você trabalhar, limpar as más informações e reformatar as formações de sua mente." E ali, eu chorando já, meio complicado. Não era mais branco. Não era mais negro. Eu não tinha mais base, eu estava quebrado, eu estava destruído, não sabia o que fazer mais. E ali entrei em crise, não consegui mais pensar. E pedi a ele que suspendesse a conversa e sai, andei um pouquinho e fui dormir. E, na conversa, ele falou o seguinte: "Eu, família Fritzen, durante toda a minha vida de seminário, li dezenas de livros sobre o povo alemão e na língua alemã."

“No dia seguinte, quando eu acordei, isso ficou na minha cabeça, leu dezenas de livros sobre o povo alemão, na língua alemã. Pensei: “Espera aí, eu nunca li um livro sobre negro, nem em língua afro. Que história é essa? Por que ele pode e eu não posso?” Então, imediatamente, fui para a biblioteca do seminário e lá procurei em todos os arquivos, em todas as estantes, um livro que falasse sobre negro. Não encontrei em língua africana nem em língua portuguesa. E ali começou a nascer o primeiro veio do Davi guerreiro, exigindo.”

Fui, bati na porta do quarto dele e falei: “Oh, Frei! O senhor falou para mim que o senhor leu livros do seu povo alemão. **Eu fui buscar livros do meu povo negro e não encontrei em nossa biblioteca.** Não seria por isso que eu estou doente? Não seria por isso que outros negros estão doentes? Porque a sociedade não dá oportunidade de conhecer a nossa história?” “Puxa! É mesmo! Vamos comigo lá na cidade comprar livros sobre o negro.” E aí começaram. E aí nasceu o Davi que hoje está aqui. Eu só estou aqui hoje lutando pelo negro, pelo ingresso do negro na universidade porque sofri racismo e aquele racismo foi marcante e me transformou!” ⁽³⁹⁾

■ ⁽³⁹⁾ DAVID, Frei. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

Imagem: Frente 3 de Fevereiro



5.3

O que fez o cabelo para ser chamado de ruim?

Pior que a cor do negro é seu cabelo, por razão de algum tipo de pecado ancestral, esse povo foi castigado com um cabelo seco, crespo e armado, "cabelo ruim", e o grande sofrimento de todos, mesmo os descendentes de pele clara, é o que fazer para esconder da sociedade o tal do "cabelo ruim"? **O que fez o cabelo para ser chamado de ruim?** Roubou, matou? E o que fez o cabelo para ser chamado de bom? É liso, claro, rico ou fez chapinha? As mulheres na sua maioria se renderam à invenção norte-americana dos alisamentos. Algum idôneo instituto de pesquisa já levantou quantas chapinhas, relaxamentos e alisamentos de cabelo são feitos no Brasil por dia. Por que o cabelo não é bom pelo simples fato de ser cabelo? Os garotos, por sua vez, raspam a cabeça e não tiram os bonés ou tocas e, em nome do estilo ou mesmo da moda, escondem também seus cabelos, que nunca são mostrados.

O mais interessante dessa história toda é que, quando uma família tenta evitar que um de seus membros se case com uma pessoa mais negra, geralmente usa o seguinte argumento: não temos nada contra a cor negra, mas já imaginou se os filhos nascerem com aquele cabelo? Isso lhe trará muito mais dificuldades no futuro... **Enquanto não nos apresentarmos em nossa totalidade, nunca seremos seres completos.** ⁽⁴⁰⁾



“*Nós temos aí esses anos todos de um padrão estético Globo, que é um padrão branco, em que os papéis nas novelas são sempre papéis que são chavões para manter ou a figura boa, ou a empregada doméstica que é solidária com o patrão. Esse é o sistema que tem o monopólio da imagem brasileira.*”⁽⁴¹⁾

> Imagem Novela
Telenovelas brasileiras: aos atores negros são reservados os papéis de escravos ou empregados.

⁽⁴⁰⁾ Pedro Guimarães, integrante da Frente 3 de Fevereiro.

⁽⁴¹⁾ BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

5.4

Injúria ou racismo?

“O critério a ser adotado para a diferenciação das condutas está menos nas palavras; deve ser o alcance das expressões, gestos ou qualquer modo de exteriorização do pensamento preconceituoso.”

Crime de Racismo: art. 20, “caput”, da Lei 7716/89.

É a manifestação de um sentimento em relação a uma raça.

Pena: reclusão de um a três anos e multa.

Exemplo: ao se xingar “Tinha que ser um negro para fazer uma merda desta” ou “Oh, raça maldita!”, está se praticando racismo, porque tais expressões querem dizer que todos os negros ou a maioria deles faz coisas erradas.

Injúria qualificada: art. 140, § 3º, do Código Penal.

Protege a honra subjetiva da pessoa, que é o sentimento próprio sobre os atributos físicos, morais e intelectuais.

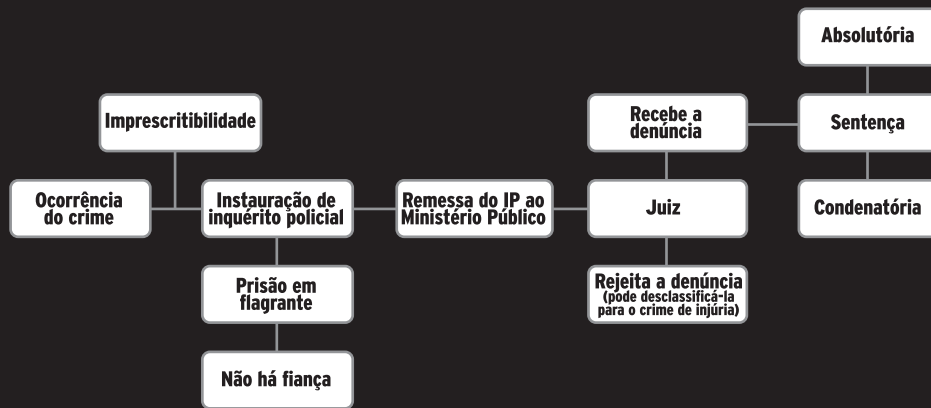
Pena: reclusão de um a três anos e multa.

Exemplo: xingar, por exemplo, “negro imbecil” há uma ofensa à pessoa xingada (honra subjetiva) com bases em elementos preconceituosos, o que se configura a injúria qualificada.

Crime de Racismo Art. 20 Lei 7716/89

Racismo:

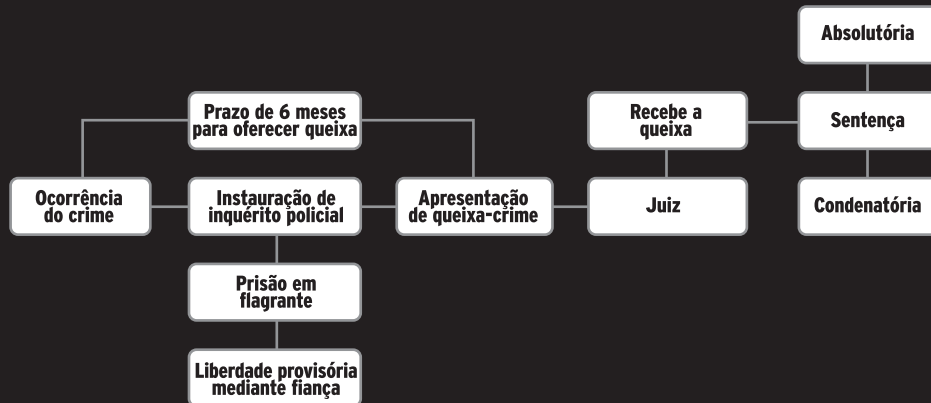
Crime imprescritível (direito que não perde o seu efeito pelo decorrer do prazo) e inafiançável (não aceita fiança), segundo o art. 5º, inciso XLII, da Constituição Federal, sendo a natureza da ação penal pública incondicionada (movida, portanto, por membro do Ministério Público)



Crime de Injúria Qualificada por Preconceito Art. 20 Lei 7716/89

Injúria:

É prescritível e aceita fiança, além de ser, via de regra, a ação penal de iniciativa privada, ou seja, obriga-se a vítima, além de preocupar-se com a possibilidade de extinção de um direito por não ter sido exercido no prazo legal, ainda a valer-se de um advogado.



Acusado de agressão, ator diz que
Atores acusam Carrefour e PIM de

Supermercado terá de

Barrado no shopping

Acusado de injúria

Secretário-executivo do Esporte
Jornal de alunos da USP traz piadas

Polícia acha autor

funcionários de posto agiram com racismo
racismo

pagar indenização de R\$ 60 mil por crime de racismo
Paraná prende suspeitos de racismo

racial, ex-bbb é preso

denuncia taxista de Brasília por discriminação
racistas

de grupo racista no Orkut



06

ARQUITETURA DA EXCLUSÃO

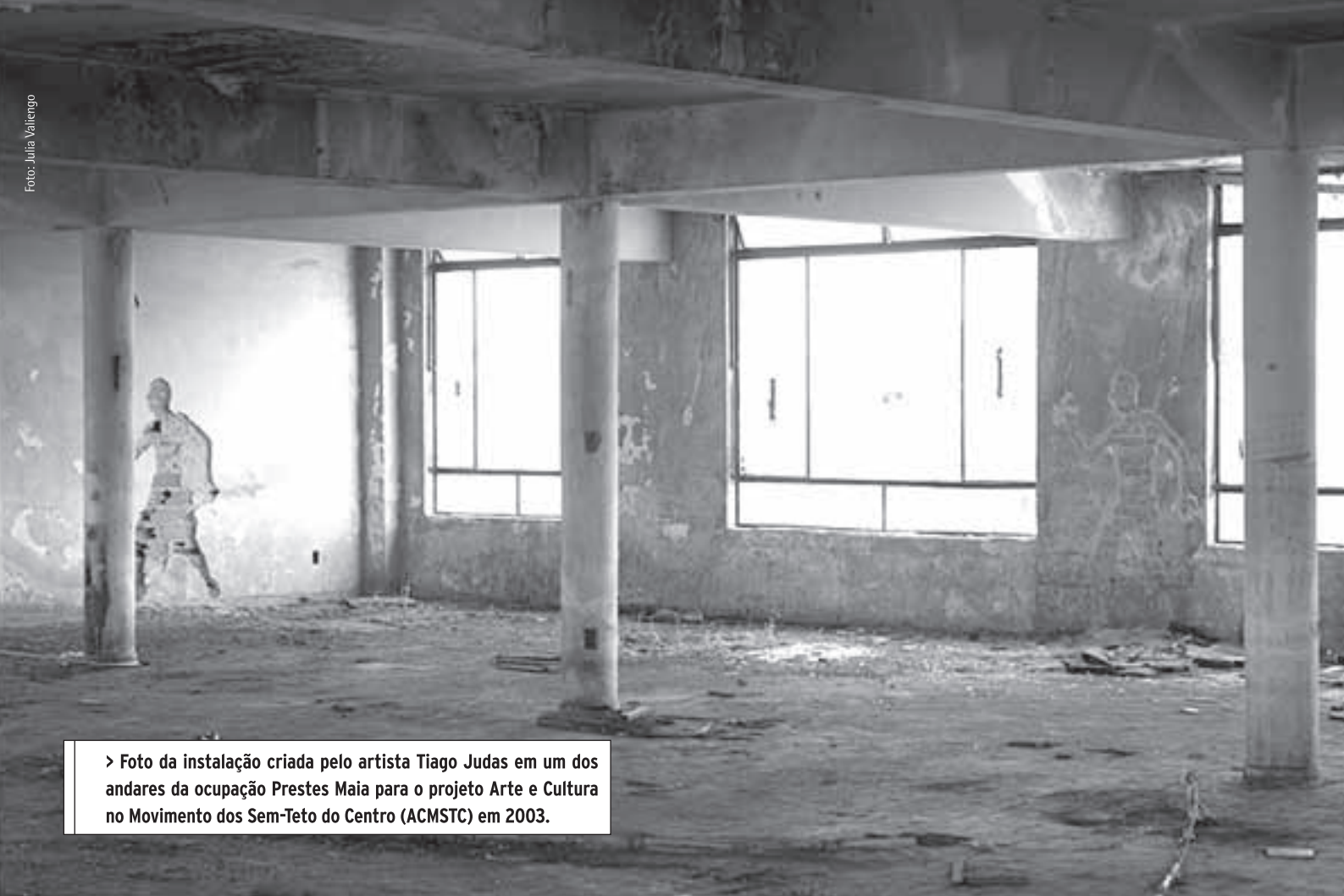
**6.1. Convivência
ou conveniência?**

6.2. “Know go area”

**6.3. Muros visíveis
e invisíveis**

**6.4. Ocupação Prestes Maia:
quilombo urbano**

**6.5. A indústria do medo
e as bolhas de segurança**



> Foto da instalação criada pelo artista Tiago Judas em um dos andares da ocupação Prestes Maia para o projeto Arte e Cultura no Movimento dos Sem-Teto do Centro (ACMSTC) em 2003.

6.1 Convivência ou conveniência?

“Disse o comerciante Antônio Carlos Gomes, 56:
É incrível como esses ricos tiram da gente
o direito de entrar onde eles estão,
mesmo que esse lugar seja onde sempre estivemos,
e onde estaremos amanhã’.”⁽⁴²⁾





"Elas são meio invisíveis na estrutura social. Mas fazem tudo nos doces lares das classes médias e altas. Faxineiras, amas de leite, condutoras de cachorrinhos, babás, lavadeiras, cozinheiras. Quando vivem como agregadas da casa grande moram em cubículos indignos de qualquer vigilância sanitária, muitos deles desenhados nos escritórios mais badalados da arquitetura moderna nacional.

Os elevadores de serviço selavam de forma clara o apartheid social e racial do destino de nossas domésticas. Leis municipais recentes tentaram coibir a discriminação secular. Mal conseguiram, na maioria dos condomínios elas ainda são constrangidas a se dirigirem às portas dos fundos. (...)

As domésticas representam, nas cidades brasileiras, o papel de bóias-frias e outros setores de trabalhadores rurais, vivendo nos limites da escravidão ou servidão.

Como previu, entre outros, Joaquim Nabuco, em seu lúcido libelo 'O Abolicionismo' (1883), o espectro da senzala continua a rondar a paisagem humana brasileira, seja na figura do quartinho precário da área de serviço, seja nas vivendas de favelas distantes, nas periferias, tão nossas de cada dia. (...)

A 'dominação cordial' continua a manter desigualdades sociais e raciais e de gênero sob o manto de paternalismo que a tudo que expropria naturaliza, num só movimento." (43)

(42) Folha de S.Paulo, 31/10/2005.

(43) HARDMAN, Francisco Foot. "Só pela entrada de serviço". In Folha de S.Paulo, 28/6/2006.

> Sem Saída
Portas e Janelas



Fotos: Dante Lima



> Câmeras de Vigilância "Esqueleto Coletivo"
Imagem criada pelo grupo "Esqueleto Coletivo" no projeto
"Atitude Suspeita", 2006.

Imagem: Esqueleto Coletivo



> TV Alemã

Imagem da ação criada pela Frente 3 de Fevereiro "invadindo" a transmissão da emissora de televisão alemã da festa "Fan Party" de abertura da Copa do Mundo de 2006 em Berlim, na qual fizemos intervenção com a bandeira "Know go area".

an-Party

6.2

“Know go area”

**Intervenção na Copa do Mundo 2006
Berlim, 3 de abril de 2006**



Caros da Frente 3 de Fevereiro,

O teatro HEBBEL AM UFER organiza o Festival de Teatro Brasileiro em Berlim - BRASIL EM CENA (de 30 de maio de 2006 a 7 de junho de 2006), que acontecerá dentro da programa COPA DA CULTURA, elaborado em cooperação e com o apoio do Ministério da Cultura do Brasil em parceria com a Embaixada do Brasil em Berlim, com o Goethe-Institut e Casa das Culturas do Mundo.

Confirmamos, através desta, a participação de duas apresentações da performance FUTEBOL da FRENTE 3 DE FEVEREIRO na programação do Festival. Para nós será um grande prazer mostrar a produção do grupo em Berlim. As apresentações estão programadas para acontecer nos dias 3 e 4 de junho de 2006.

Cordialmente,

Kirsten Hehmeyer
Public Relations - HEBBEL AM UFER
<http://www.hebbel-am-ufer.de>

> Workshop HAU

No contexto de nacionalismo e euforia que pairava sobre a Alemanha na Copa do Mundo 2006, desenvolvemos um projeto de intervenção em Berlim tendo como foco a situação do imigrante na Europa. Desenvolvemos um workshop junto com grupos de arte e ativismo da Alemanha, no qual a relação do imigrante com a comunidade europeia funcionou como ponto-chave para a discussão do racismo em contraposição à imagem construída por eventos como a Copa do Mundo, nos quais diferenças políticas, socioeconômicas e culturais parecem ser superadas sem conflito. Para a realização de intervenções, criamos parcerias com os grupos Kanak Attack e La Plataforma. Neste contexto surgiu a bandeira "Know Go Area".



Título:

Copa do Mundo e Racismo.

Objetivo:

Discussão da questão norteadora - os trabalhos do 3 de Fevereiro e a proposta de intervenção em Berlim funcionam como disparador. Levantamento do espaço e tempo onde a questão norteadora surge como evidência.

Questões norteadoras:

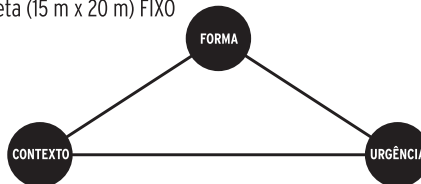
Quem é alemão? Quem é Alemanha? Você é Alemanha?

Aparelho repressor em relação ao imigrante na comunidade europeia? Você é bem-vindo na Alemanha? Como o racismo aparece na Copa do Mundo? O que a Copa do Mundo esconde e o que a Copa do Mundo revela? Copa do Mundo como a festa da paz, paz dos vencedores. A segurança e vigilância, controle, a mídia internacional, construção do espetáculo midiático.

Estratégia:

Trabalhar a partir do trinômio: forma x contexto x urgência. ⁽⁴⁴⁾

- > Urgência: norte conceitual, questão eleita como norteadora
- > Contexto: local que revela a urgência / Copa do Mundo
- > Forma: Bandeira Preta (15 m x 20 m) FIXO



Ambiente "alfabetizador":

O ambiente deve apresentar, através de imagens, a questão "por que bandeira?". Apresentar, através de imagens, o processo específico do grupo que revele a potência da forma e sua justificativa conceitual.

- > Mapa de Berlim
- > Quadro branco

⁽⁴⁴⁾ Referência ao diagrama elaborado por Rodrigo Araújo e trabalhado no curso Arte e Ciência do projeto educativo Política do Impossível, ministrado por Daniel Lima, Luciana Costa, Rodrigo Araújo e Gavin Adams no Espaço Cultural CPFL em 2006.

“O caso do Ermias é um caso bem simbólico, porque ele é atacado, ficou em coma, e o Estado, a procuradoria geral assumiu o caso e levou ao extremo. Prenderam os suspeitos, que, ficaram cerca de 40 dias presos e aí houve um 'habeas corpus' e os dois saíram. No dia seguinte ele entrou com um recurso e conseguiu prender um que ee mais indicado que realmente tenha atacado, que consegue comprovar. Quem foi atacado, pelo fato de ter ficado em coma, ele não tem memória então ele não consegue identificar as pessoas. Não sabe que é que o atacou e não consegue lembrar de questões da própria vida. Esse caso é o que vai acontecer no dia 3 na manifestação em frente do Ministério das Relações Exteriores.” ⁽⁴⁵⁾

“E: O porta-voz do governo anterior, um mês atrás, deu uma declaração na televisão dizendo que todas as pessoas eram muito bem-vindas, mas que especialmente as pessoas que vêm para a Copa do Mundo que são negras, de países africanos, tomarem muito cuidado porque existem 'no go areas'. Essa foi a primeira vez que

oficialmente alguém relacionado ao poder público admitiu que existia isso publicamente, e isso tomou uma dimensão gigante.

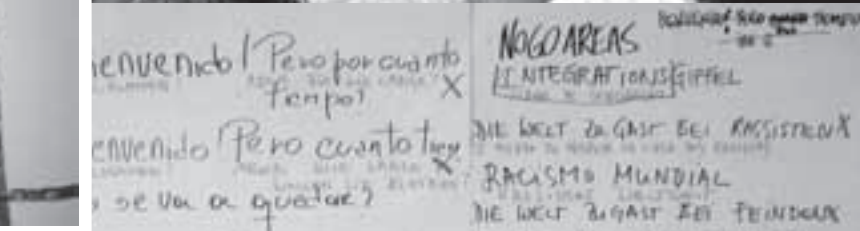
R: Agora a gente tem que pensar nas frases da bandeira.

D: Os integrantes do grupo no Brasil pensaram numa outra maneira de escrever sobre a idéia de no go areas, e para nós é um consenso que deveria estar escrito 'no go area', ter estas palavras. As pessoas do Brasil pensaram então em 'know go areas'. Know [conhecer] como um trocadilho [sonoridade semelhante de “No” e “Know”].

X: É um conhecimento que divide as diferentes verdades conectadas a ele e a diferença de conhecimento, e sobre a fundação do mito nacional de não haver o racismo no Brasil e na Alemanha. Acho que é uma boa conexão.” ⁽⁴⁶⁾

No go area
Área não recomendável
Lugar de risco
Área de risco

Zona inacessível
Área restrita
Lugar não disponível
Zona exclusiva



Fotos: Frente 3 de Fevereiro

"No go areas na Alemanha: regiões onde pessoas, pela sua aparência afro-indígena, correm o risco de sofrer violência por motivação racista.

Caso você se enquadre nesse padrão de aparência física, seja pela cor da pele de tom amarronzado para negro ou possua traços físicos desses grupos étnicos, é importante tomar alguns cuidados que vamos orientar neste desembarque:

- > Ande sempre que puder em grupo, isso lhe oferece mais proteção do que andar sozinho;
- > Fique atento quando parado em pontos de ônibus e estações de metrô e trem;
- > Redobre a atenção ao andar nas ruas à noite;
- > A experiência aconselha que se tome um maior cuidado em zonas da Alemanha e de Berlim Oriental;
- > Em caso de ataque mantenha a calma, movimentos bruscos podem tornar a situação mais complicada;
- > Cuidados a se tomar: prepare-se mentalmente para situações ameaçadoras, converse com outras pessoas sobre como proceder no caso de ser vítima de uma situação desta, se encontrar alguém vivo para o orientar...
- > Lugares com muita gente oferecem menos risco, embora pode ser que ninguém ajude pois todos ficam esperando o outro tomar uma iniciativa;
- > Se atacado dentro de ônibus chame o motorista;
- > Se atacado no metrô, puxe a trava de emergência para este parar na próxima estação, você ainda pode estar vivo;
- > Se atacado na rua, grite em voz alta, sua voz é uma arma, que pode afugentar os agressores;
- > Se atacado em lugar movimentado, tente pedir ajuda a alguém em específico (por exemplo "você aí de pulôver vermelho!"), pois há pessoas disponíveis a ajudar, mas esperam que haja outras pessoas que ajudem também.

Chame a polícia: 110 / Bombeiros Ambulância: 112 / racism@prevent-racist-attack.org

Boa estada na Alemanha! ⁽⁴⁷⁾

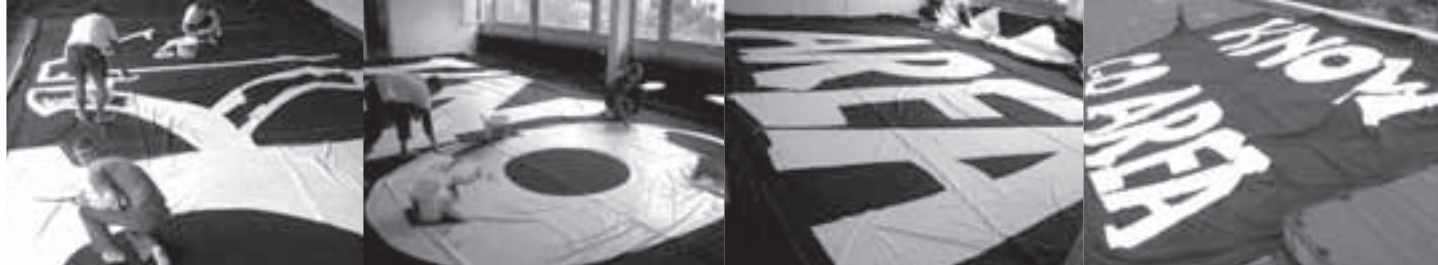
> Mapa de Berlim

Mapa da cidade de Berlim utilizado no workshop da Frente 3 de Fevereiro para identificar áreas de risco para imigrantes.

⁽⁴⁵⁾ Fala de Wagner Carvalho durante o workshop desenvolvido em 2006 pela Frente 3 de Fevereiro em Berlim.

⁽⁴⁶⁾ Diálogo entre participantes do workshop desenvolvido em 2006 pela Frente 3 de Fevereiro em Berlim.

⁽⁴⁷⁾ Texto criado por Pedro Guimarães, integrante da Frente 3 de Fevereiro, baseado no informativo distribuído pelo grupo Kanak Attack.



> Ação Ermias
Manifestação em solidariedade à família do imigrante Ermias, atacado por grupos neonazistas em Berlim. A passeata saiu da frente do Ministério das Relações Exteriores e foi até o Portão de Brandenburgo. Carregamos a bandeira "Know go area" aberta durante todo o percurso.





> Ação Placa

Fixamos a placa “Know go area” em frente à residência de um líder neonazista no bairro Lichtenberg, em Berlim, área conhecida por recorrentes ataques a imigrantes.

6.3

Muros visíveis e invisíveis

"Estamos sempre impregnados de uma herança escravagista do século XIX, quando havia o controle da movimentação dos negros, que só podiam se deslocar com um documento assinado pelo senhor, no qual estivesse escrito para onde iria, com quem falaria e quando voltaria. A população jovem de periferia vive a permanência disso na forma como são abordados pela polícia. Um grupo de meninos da periferia se deslocando pela cidade leva dura da polícia toda hora." (48)

"O Morumbi não será mais o mesmo, é o que promete a publicidade do empreendimento Cidade Jardim, um complexo com 80 mil metros quadrados que vai abrigar um shopping center de alto luxo, o mais completo spa do país, nove torres residenciais e edifícios comerciais voltados para o público da classe triplo A. Os dois extremos sociais estarão separados por pouco mais de dois metros de tijolos. O Morumbi, historicamente um bairro de contrastes, tem erguido enclaves de riqueza fora do centro expandido da cidade. Porém, nunca uma diferença foi tão acintosa quanto antes.

A incômoda pergunta sobre a existência de algum projeto para remoção da favela ficou sem resposta pela assessoria. Resposta que tranqüilizaria os moradores, apreensivos com a possibilidade de serem retirados ou de terem de vender suas casas para a expansão ou 'segurança' do empreendimento. Da mesma forma, um outro silêncio constrangedor tem sido o dos veículos de comunicação, que ignoram a presença da favela e exaltam os números faraônicos do condomínio, que tem como um dos seus principais atrativos exatamente a segurança.

'Processos como esse de expulsão da população pobre acontecem em toda cidade. Desvendar como isso ocorre é um primeiro passo para a construção de uma cidade mais justa, da qual todos possam desfrutar', analisa Tiaraju Pablo.⁽⁴⁸⁾

"Você tem um ordenamento estético na cidade, onde as pessoas olham sempre o jovem negro com medo. (...) Essas fronteiras que vão se erigindo na cidade são fronteiras objetivas, toda hora um grupo de meninos pobres, negros, jovens está sendo parado pela polícia, para entrar num shopping ou num ônibus ele vai revistado. Mas tem também as fronteiras subjetivas. Eu acho que o Brasil é um país muito cruel nesse sentido, você tem uma hierarquização social muito forte, lugares certos, lugares próprios, lugares impróprios, então o que eu acho que é mais cruel no Brasil e o que é mais difícil de lutar contra é esta internalização do olhar suspeito e toda barbárie que isso acarreta."⁽⁴⁹⁾



> Mercado Brazyl
Trabalho do artista Jaitão, 2004.

⁽⁴⁸⁾ BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Folha de S.Paulo, 23/2/2004.

⁽⁴⁹⁾ "Favela protesta em lançamento de condomínio bilionário".

In Carta Maior, 25/5/2006.

⁽⁵⁰⁾ BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

⁽⁵¹⁾ SEVCENKO, Nicolau. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

“A formação dos bolsões de exclusão tem a ver com a lógica da cidade moderna, no sentido em que ela é uma área altamente planejada e que já traz, implicitamente no próprio planejamento, o princípio da segregação e da exclusão social. Está na origem do problema. É constitutivo da cidade moderna na medida em que ela se define dessa maneira, há uma dimensão – aquela que o planejamento alcança – que é o moderno, e ali onde o planejamento não alcança é o não-moderno. Ai você já por tabela exclui o que é a parte da população integrada na modernidade e a parte que está excluída ou segregada dela e, nesse sentido, o próprio crescimento da cidade é o contínuo processo de identificação desse mesmo problema.

Ou seja, o princípio da desigualdade está no processo originário, o que obviamente tem a ver com a maneira como a sociedade organizada pelo mercado e, portanto, pelo consumo por si só é reprodutora de formas de desigualdade. Essa desigualdade obviamente tem uma definição que, em primeiro lugar, é social (os que têm e os que não têm), mas, em segundo lugar, ela terá uma definição étnica, particularmente no contexto de sociedades de passado colonial que trazem todo um laço de escravidão e, portanto, uma dimensão significativa daquela sociedade traz esse estigma já na origem. Então, quando houver exclusão e quando houver segregação, essa população estigmatizada é quem será, preferencialmente, a vítima desse processo.

Então, o processo de planejamento – que em princípio seria um signo da prosperidade, do progresso, do desenvolvimento, da modernidade, enfim, nomes esses todos positivos – vai simultaneamente difundindo essas marcas de exclusão que praticamente assinalam os grupos que vão estar desde sempre e para sempre excluídos, porque tal marca significa exatamente o contrário, ou seja, gente que é associada com o que é o passado, com o que é o atrasado, com o que é uma condição regressiva e uma condição antiprogressista e antimoderna. Nesse sentido, não apenas o estigma do passado jamais é eliminado como ele é cada vez mais intensificado pelo processo da publicidade, da difusão em ampla escala das imagens como a forma de glamorização da

mercadoria e que vão sempre carregar esses mesmo elementos de valorização de uma dimensão da sociedade à dispensa da estigmatização e exclusão da outra. Embora a gente sinta isso na carne, aqui, agora, hoje, neste momento, o processo é bastante antigo, ele tem a raiz no passado colonial. E é claro que lutar contra esse processo tem uma implicação que vai além de apenas tentar integrar grupos, mas tem que se entender o conjunto dessa estrutura histórica e tentar decompor, desarmar, desestruturar essa herança complexa que vem do passado.

São Paulo é quase que uma exceção no conjunto das cidades brasileiras. No conjunto das cidades brasileiras, há uma tendência de convívio de segmentos prósperos com gente de origem mais humilde, que não necessariamente se misturam, mas que pelo menos se vêem, que de alguma forma se tangenciam, que convivem. São Paulo é uma das poucas cidades do país – Brasília talvez seria o outro único grande exemplo – em que se formou um imenso bolsão de privilégio, empurrando a miséria para uma parte em que ela se tornasse invisível, ou pelo menos ficasse longe de qualquer espécie de convívio com essa área privilegiada. Nesse sentido, o processo de exclusão social, de segregação social em São Paulo é mais perverso do que no conjunto do país. E obviamente ele tende a se reproduzir com essas mesmas características. Na medida em que a cidade não tem mais espaço para se expandir – porque estaria atravessando esse bolsão de miséria –, a idéia é expandir para subúrbios distantes que se reproduzam como cidades muralhas, fortificadas quase como casamatas, em que a população fique completamente lacrada, sem que haja possibilidade de gente do âmbito externo penetrar ou de que quem esteja lá dentro saia, a não ser em veículos blindados ou em helicópteros, que de uma área de privilégio vai para uma outra área de privilégio sem qualquer contato com o que haja no meio. Nesse sentido, de fato São Paulo é o pior exemplo para o país e aqui a situação é mais difícil de ser enfrentada do que em qualquer outra parte, justamente porque esse convívio não faz parte do cotidiano de grande parte da população que vive em condições privilegiadas no âmbito paulistano.”⁽⁵¹⁾



ZUMBI
SOMOS
NÓS

a

R. CRÁZIO
PNEUS



ESTACIONAMENTO

HORA	HORA	HORA
1.000	1.000	2.000

POP CENTRO

SÓ MADRUG/ DA

horariadas 400 a 73

ESTACIONAMENTO / SEC...RO

ESTACIONAMENTO

ESTACIONAMENTO

6.4 Ocupação Prestes Maia: quilombo urbano



De: Ricardo Muniz Fernandes
Assunto: sobre Zumbi Somos Nós
Data: Terça, 7 Feb 2006 13:16:26

"(...) Mas eis que surge, como herói pop, milagreiro, vislumbre de padim, raio de xangô, o 3 de Fevereiro, o grupo um tanto comitiva guerreira, liga da justiça e bloco. Do saco surge a bandeira, azougue para não terminar o carnaval. E ela vai se desfraldando sem hinos, na síncope do grupo. Aberta como símbolo, não da Nação, coisa maior, mas daquelas pequenas e senhoras selvagerias. Escancarada clama aos céus a incerteza do sentido. Estandarte anunciando a derrota da certeza unívoca.

Zumbi somos nós. Frase gravada no ar, incógnita na calçada. *Zumbi somos nós.* Zumbi guerreiro ou párias? Vencedores ou vencidos? Imortal herói ou mortos vivos? *Zumbis SOMOS NÓS.* Senhores ou fantasmas? Estandarte ou mortalha? Uma ferida exposta no meio da rua, uma questão colocada para todos sem nenhum floreio. Não mais a opção por ser marginal e ser herói, mas pelo menos poder ser. Aquela bandeira ali aberta era a dissolução do linear e a dispersão dos sentidos até então possíveis. *Zumbis somos nós.*

O bloco ao redor do pano pintado voltava à folia, azougue fazendo efeito fulminante. A frase ondulava e repercutia no vento. O bloco cresceu, eram sem-teto, burgueses, brancos, pretos, mascarados, desdentados e doutores. Era torcida organizada de um time campeão. Eram todos e era nenhum. Das janelas escriturários, oficiais e rábulas liam a sentença e também pensavam. Somos nós Zumbis? Sou eu Zumbi? São eles, que existem, resistem e incomodam!

Coisa rápida, relâmpago e a equação se desmontou, deixando um vazio ocupando a área, um silêncio espalhado e a pergunta em letras garrafais negras sobre o branco ainda repercutindo nas cabeças.

Dúvida cravada na memória, no desejo de um pouco mais de cada um. Policiais perguntam e ousam questionar o que podemos dizer que nem mesmo aconteceu. Mais um 3 de fevereiro, dia como outro qualquer, mas com um monumento erguido nas memórias, gravado: *Zumbis SOMOS NÓS.*

Era uma memória vivida do avesso, era manifesto lembrança da tragédia. ⁽⁵²⁾



> Ação Bandeira Prestes Maia

Em fevereiro de 2006 participamos de uma ação de resistência organizada pelo Movimento dos Sem-Teto do Centro (MSTC), em conjunto com grupos artísticos de São Paulo. Esta ação apoiava a ocupação do edifício Prestes Maia, com mais de 2.400 famílias, a qual estava com sua reintegração de posse marcada. Neste contexto, instalamos a bandeira Zumbi Somos Nós na fachada do edifício.



Fotos: Julia Valiengo

"O prédio da avenida Prestes Maia, 911, com cerca de 470 famílias que integram o Movimento dos Sem-Teto do Centro (MSTC), abriga 315 crianças, 380 adolescentes, 561 mulheres e 466 homens.

O Prestes Maia, um dos maiores edifícios ocupados da América Latina, é um imóvel com dívidas de Imposto Predial Territorial e Urbano (IPTU) de mais de R\$ 5 milhões. Ele já teve sua reintegração de posse marcada (a partir de 15 de fevereiro de 2006) e posteriormente postergada por dois meses, após incontáveis esforços técnicos, sociais e políticos junto a entidades governamentais locais, estaduais, federais, internacionais e organismos e instituições de defesa dos direitos humanos.

Há quase seis meses, os moradores que vivem nas duas torres do edifício desde novembro de 2002 se encontram sob o temor do despejo e de um confronto com o grande efetivo policial que, segundo integrantes do Comando da Polícia Militar, estariam prontos 'para o que der e vier'. Os moradores reclamam o reconhecimento do seu direito à moradia e a viver numa região da cidade servida de serviços e infra-estrutura e, especialmente, onde a maioria deles trabalha.

A ameaça de despejo vem sendo evitada apenas por causa da grande mobilização e repercussão social da luta dos moradores do edifício Prestes Maia pelo seu direito à cidade." (53)

(52) Texto enviado para a Frente 3 de Fevereiro pelo curador Ricardo Muniz Fernandes em 2006.

(53) Dossiê denúncia: Violações dos Direitos Humanos no centro de São Paulo | Fórum Centro Vivo, 2006.



> Dupla Ônibus/Placas

Intervenções do grupo de artistas Bijari, no contexto dos atentados do PCC na cidade de São Paulo, em maio de 2004.



6.4

A indústria do medo e as bolhas de segurança

O Brasil é uma sociedade de classes e, como tal, certos grupos só irão reagir quando se sentirem diretamente ameaçados. As classes mais abastadas no Brasil vivem em "bolhas de segurança", o que é um sinal de status. Carros saem de manhã dos **condomínios fechados (bolha 1)** em direção a **escolas privadas, com guardas nos portões (bolha 2)** e, mais tarde, seguem para **áreas de diversão ou áreas privadas de lazer (bolha 3)**. O conceito básico de cidade, "urbis", "lugar de convívio coletivo", tem desaparecido. O Brasil é um país com alta tolerância à violência.

"Estamos acostumados, desde pequenos, a vivenciar a violência, nos âmbitos familiar e escolar. No países escandinavos, por exemplo, qualquer forma de violência é inaceitável. No Brasil, atividades de lazer são recheadas de violência, personagens de novelas se atacam fisicamente em horário nobre, e isso é considerado 'entretenimento'. Nesse contexto, o papel da polícia, quando repressivo e violento, é considerado aceitável, senão encorajado, por boa parte da sociedade. Num processo de ação e reação, violência gera violência, que nos últimos dias tem sido orquestrada pelo crime organizado, mas que tem se espalhado de forma desordenada, afetando principalmente quem vive fora das 'bolhas de segurança'.

A taxa de homicídios tanto na capital quanto no Estado de São Paulo tem caído desde 1995. Lesão corporal tem aumentado, o que indica que a violência tem se tornado menos letal. Esses indicadores deveriam afetar o quanto a população se sente segura, mas o sentimento de segurança é determinado por outros fatores, que vão além da criminalidade propriamente dita. Nas últimas décadas, a segurança se tornou uma mercadoria. Essa indústria cresceu muito e tem atingido diferentes estratos da sociedade que podem pagar por isso. As cidades se transformaram. Cada vez que volto à minha cidade natal, vejo que os muros que rodeiam as casas estão mais altos e as fachadas das casas, hermeticamente fechadas. Fios elétricos, cães de guarda, guardas-noturnos, cadeados, grades, alarmes, porteiros... Tudo faz parte dessa indústria que ajuda a manter o nível de insegurança latente.

No Brasil, muitos não consideram o contexto em que a violência é gerada, como se surgisse do nada, e é assim que ela é considerada pelas políticas de segurança brasileiras." (54)





> Vida Sem Saída
Alteração "virtual" da placa de trânsito "Rua Sem Saída", criada por Daniel Lima, 2005.

"Essa indústria do medo não pode ser examinada se a gente não examinar também o papel da mídia nessa indústria, nesse contexto. A marca das últimas décadas é de uma mídia que tratou dessa questão de uma forma muito sensacionalista e explorando, certamente, essas figuras sobre as quais deveria recair a preocupação do aparato de segurança pública. E, evidentemente, se você projeta e, continuamente, publica e republica imagens de alguns desses criminosos, alguns deles negros, você também contribui para cristalizar uma imagem de quem é o criminoso. Quer dizer, eu acho que a mídia também contribui para isso." (55)

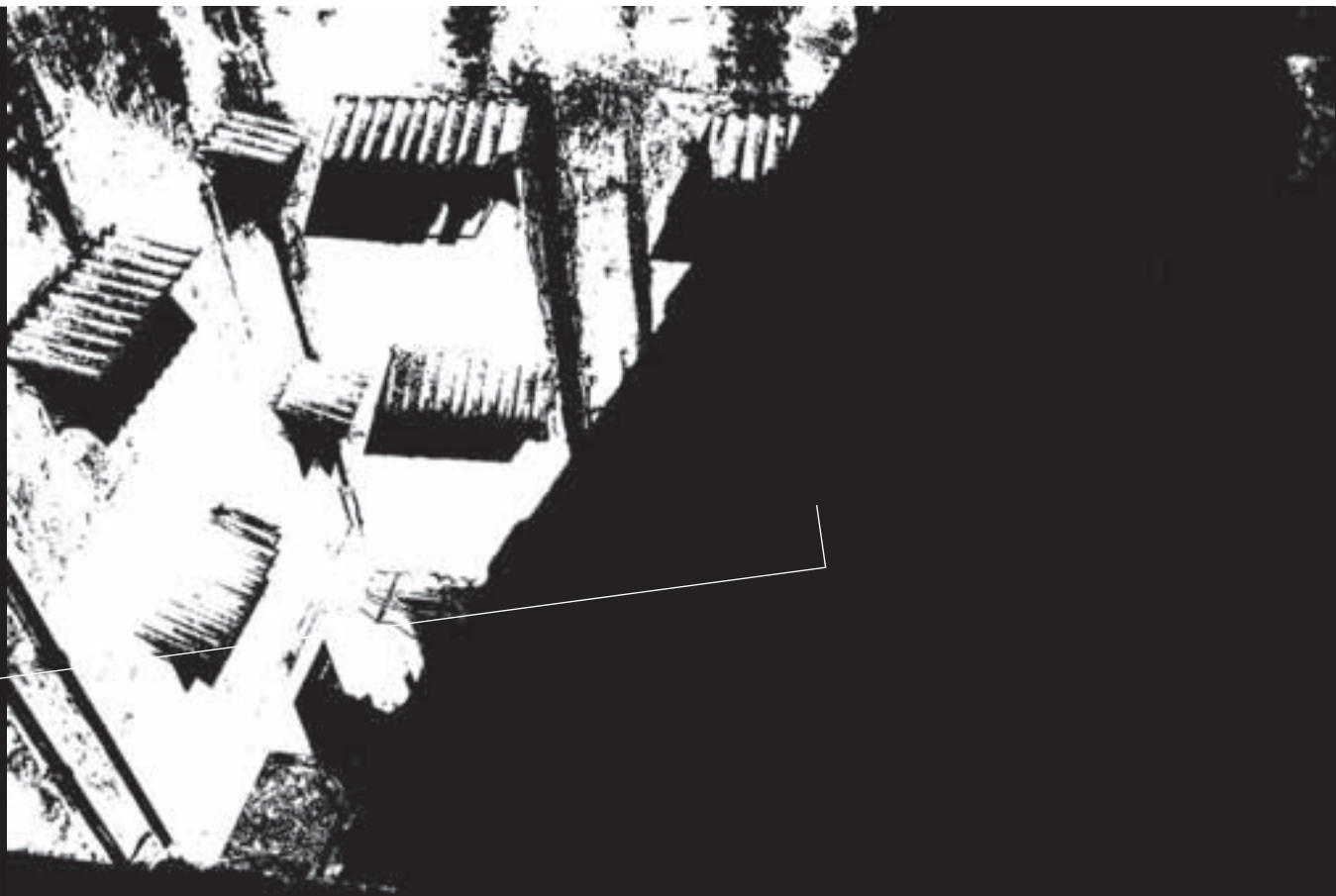
"O medo é o eixo central de manter as hierarquias sociais, étnicas e culturais brasileiras, mas tem algo que sempre transborda, e isso está sempre transbordando. Nosso principal veneno é a naturalização dos lugares marcados. E quando eu falo que vaza, é porque o tempo todo isso está explodindo.

A estratégia do medo é a que mantém essa perversidade, esse índice de letalidade e essa hierarquia social tão cruel brasileira. E não é à toa que o Bush também trabalha o tempo todo com medo, medo dos árabes, medo de um atentado, e é isso que vai endurecendo, vai legitimando, é tortura." (56)

(54) CECCATO, Vânia. Entrevista para a Folha de S.Paulo, 21/5/2006.

(55) LEMGRUBER, Julieta. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

(56) BATISTA, Vera Malaquiti. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.



07

CRIMINALIZAÇÃO E CONFINAMENTO

7.1. PCC: uma intervenção midiática

7.2. O processo de "demonização"
na construção de um novo inimigo público

7.3. Satisfazer nossa necessidade
de vingança com um teatro de justiça

7.4. Precisamos reinventar as formas de convivência



> PCC Intervenção Midiática

Comunicado do Primeiro Comando da Capital (PCC) exibido em rede nacional pela Rede Globo na madrugada de domingo, 13 de agosto de 2006, como exigência para a libertação de jornalista da emissora seqüestrado.

7.1

PCC: uma intervenção midiática

"Como integrante do Primeiro Comando da Capital, o PCC, venho pelo único meio encontrado por nós para transmitir um comunicado para a sociedade e os governantes. A introdução do Regime Disciplinar Diferenciado [RDD] pela Lei 10.792/2003, no interior da fase de execução penal, inverte a lógica da execução penal. E coerente com a perspectiva de eliminação e inabilitação dos setores sociais redundantes, leia-se 'a clientela do sistema penal', a nova punição disciplinar inaugura novos métodos de custódia e controle da massa carcerária, conferindo à pena de prisão o nítido caráter de castigo cruel. O Regime Disciplinar Diferenciado agride o primado da ressocialização do sentenciado vigente na consciência mundial desde o ilusionismo [sic] e pedra angular do sistema penitenciário, a LEP. Já em seu primeiro artigo, traça como objetivo do cumprimento da pena a reintegração social do condenado, a qual é indissociável da efetivação da sanção penal. Portanto, qualquer modalidade de cumprimento de pena em que não haja constância dos dois objetivos legais - castigo e a reintegração social -, com observância apenas do primeiro, mostra-se ilegal, em contradição à Constituição Federal.

Queremos um sistema carcerário com condições humanas, não um sistema falido, desumano, no qual sofremos inúmeras humilhações e espancamentos. Não estamos pedindo nada mais do que está dentro da lei. Se nossos governantes, juízes, desembargadores, senadores, deputados e ministros trabalham em cima da lei, que se faça justiça em cima da injustiça que é o sistema carcerário, sem assistência médica, sem assistência jurídica, sem trabalho, sem escola, enfim, sem nada. Pedimos aos representantes da lei que se faça um mutirão judicial, pois existem muitos sentenciados com situação processual favorável, dentro do princípio da dignidade humana.

O sistema penal brasileiro é, na verdade, um verdadeiro depósito humano, onde lá se jogam seres humanos como se fossem animais. O Regime Disciplinar Diferenciado é inconstitucional. O Estado Democrático de Direito tem a obrigação e o dever de dar o mínimo de condições de sobrevivência para os sentenciados. Queremos que a lei seja cumprida na sua totalidade. Não queremos obter nenhuma vantagem. Apenas não queremos e não podemos sermos [sic] massacrados e oprimidos. Queremos que, um, as providências sejam tomadas, pois não vamos aceitar e não ficaremos de braços cruzados pelo que está acontecendo no sistema carcerário. Deixamos bem claro que nossa luta é contra os governantes e os policiais. E que não mexam com nossas famílias que não mexeremos com as de vocês. A luta é nós e vocês." (57)



> PCC Foto Aérea (Folha de S. Paulo)

Foto aérea da Casa de Detenção do Carandiru, São Paulo. Primeira mega-rebelião organizada pelo PCC (Primeiro Comando da Capital), fevereiro de 2001.

"A organização que surge dali é proporcional às violências sofridas pelas pessoas que estão dentro do sistema. Nós estamos muito impregnados do dogma da pena. A pena – a penalização, a prisão – só traz dor, sofrimento, ela não serve para nada. O neoliberalismo criminaliza a conflitividade social porque ela não tem outra opção para essa potência juvenil e, principalmente para os afrodescendentes." ^[58]

^[57] BATISTA, Vera Malaqui. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.
^[58] Comunicado do Primeiro Comando da Capital (PCC) exibido em rede nacional pela Rede Globo na madrugada de domingo, 13 de agosto de 2006, como exigência para a soltura de jornalista da emissora sequestrado.

7.2

O processo de "demonização" na construção de um novo inimigo público

Do ponto de vista das elites brasileiras, as massas urbanas de trabalhadores, em sua maioria negros, vivendo nos morros, quilombados, constituem contingentes perigosos. Reivindicam-se mais e mais investimentos nos mecanismos de controle social, penas mais duras.

O estereótipo do bandido vai se consumando na figura de um jovem negro, funkeiro, morador de favela, próximo do tráfico de drogas, vestido com tênis, boné, cordões, portador de algum sinal de orgulho ou de poder e de nenhum sinal de resignação ao desolador cenário de miséria e fome que o circunda.

A mídia, a opinião pública destaca o seu cinismo, a sua

afrota. São camelôs, flanelinhas, pivetes e estão por toda parte, até em supostos arrastões na praia. Não merecem respeito ou trégua, são os sinais vivos, os instrumentos do medo e da vulnerabilidade, podem ser espancados, linchados, exterminados ou torturados.

Quem ousar incluí-los na categoria cidadã estará formando fileiras com o caos e a desordem, e será também temido e execrado. Existe alguma coisa de novo nessa configuração simbólica da crise urbana brasileira?

Ou historicamente se reproduz todo o processo de formação de nossas cidades: concentração de descendentes de ex-escravos.⁽⁵⁹⁾

"O drama das nossas cidades, o drama das nossas áreas metropolitanas, é o drama de uma quantidade enorme de jovens que, por absoluta limitação de possibilidade de ascensão social e de usufruir dos padrões de consumo dessa sociedade, claramente não tem outras oportunidades, que não tem outras opções, e acabam optando pela opção do crime.

O problema não é relação da pobreza com a criminalidade. O problema é o tipo de crime que o pobre comete e o tipo de crime que o rico comete. Em geral, os crimes dos pobres são crimes cometidos no espaços públicos, e, em geral, são os crimes contra o patrimônio – são furtos, roubos, ou, mais recentemente, a gente tem essa juventude pobre que clama por inclusão envolvida no tráfico, que é uma forma, também, de participar dessa sociedade de consumo em geral, – o crime do rico acontece num espaço privado. Então, é muito menos visível, já num primeiro momento. Ele vai estar muito menos exposto ao controle da polícia do que o crime do pobre.

As leis são feitas por uma elite de acordo com seus próprio interesses. Foucault dizia: 'Para deixar no claro a criminalidade que se quer abater' e 'deixar no escuro a criminalidade que não se quer combater', ou seja, a criminalidade da classe dominante passa, basicamente, pela corrupção, pelas jogadas – que podem ser jogadas em Bolsas de Valores – que, ao fim, vão prejudicar milhares de pessoas. Mas a maior parte desses atos não está tipificada no Código Penal e não vai ser sujeita a qualquer controle por parte do arcabouço Jurídico Penal do país.

Não há uma área de atuação do crime organizado, seja tráfico de drogas, tráfico de armas, tráfico de cargas, roubo de banco, em que você perceba um mínimo de estrutura desses grupos criminosos, em que não haja participação de policiais. Ou eles participam, realmente, como parceiros, ou eles participam dando proteção a esses grupos." (60)



"[Em relação à] juventude negra brasileira, você está dividido entre a criminalização e a caridade voluntária. A caridade voluntária vai sempre trabalhar com uma identidade visual que vai dizer o seguinte: ajude esse menino antes que ele vire um criminoso. O menino é assim, ele tem que ser ajudado porque é como se ele fosse um criminoso natural. A gente tem um paradigma de controle social e de controle policial que é um paradigma de controle total, não o paradigma da tolerância de deixar de conversar, é uma coisa meio inquisitorial. Na construção social da figura do traficante, não tem nada que se assemelhe mais à figura do herege na inquisição do que a figura do traficante. Quem é que está confinado? Não são as elites gradeadas que estão aí mantendo a indústria do controle social e a indústria da segurança, que é hiperlucrativa no capitalismo hoje e tentando confinar os 140 mil presos numa forma vergonhosa." (61)

> Ações Placas - Bijari

⁽⁵⁹⁾ BATISTA, Vera Malaquiti. Díficeis ganhos fáceis - Drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Revan, 2003, p. 36.

⁽⁶⁰⁾ LEMGRUBER, Julitta. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

⁽⁶¹⁾ BATISTA, Vera Malaquiti. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

7.3

Satisfazer nossa necessidade de vingança com um teatro de justiça

“As pessoas estão convencidas de que a pena é reguladora de conflitos sociais.”⁽⁶²⁾

“A gente convive com corpos de jovens negros jogados na vala, na caçamba. E isso é naturalizado.”⁽⁶³⁾

“O medo é incentivado, ele interessa. Para se manter uma ordem muito injusta, só se disciplina por meio do terror.”⁽⁶⁴⁾

“É a punição além do crime. É o controle social.”⁽⁶⁵⁾

"Uma vez constatada a rapidez com que os capitalistas selvagens do tráfico de drogas desestabilizaram o cotidiano do estado mais rico do Brasil, não dá mais para esconder o fato de que nossa precária tranqüilidade depende integralmente da tranqüilidade deles. Se os defensores da lei e da ordem não mexerem com seus negócios, eles não mexem conosco. Caso contrário, se seus interesses forem afetados, eles põem para funcionar imediatamente a rede de miseráveis a serviço do tráfico, conectada através de celulares autorizados pelo sistema carcerário (que outra explicação para a falta de bloqueadores e de detectores de metal nos presídios?) e toleradas pelo governador de plantão. No caso, o mesmo governador que, na hora do aperto, rejeitou trabalhar em colaboração com a Polícia Federal e, horas depois, negou ter feito acordos com os líderes do PCC. Segunda-feira, nos telejornais, o governador Lembo nos fez recordar a retórica autoritária dos militares: nada a declarar além de 'tudo tranqüilo, tudo sob controle'. É preciso encontrar suspeitos, enfrentá-los a tiros, mostrar alguns cadáveres à sociedade.

“Satisfazer nossa necessidade de justiça com um teatro de vingança.”

A esquizofrenia da condição dos policiais militares foi revelada por algumas notícias de jornal: encapuzados como bandidos, executam inocentes sem razão alguma para a seguir, exibindo a farda, fingirem ter chegado a tempo de levar a vítima para o hospital. Isso é o que alguns PMs fazem na periferia, nos bairros pobres onde também eles moram, onde o desamparo em relação à lei é mais antigo e mais radical do que nas regiões mais centrais da cidade. Nas ruas escuras das periferias os PMs cumprem seu dever de vingança e atiram no entregador de pizza. Atiram no menino que esperava a noiva no ponto de ônibus, ou nos anônimos que conversam desprevenidos, numa esquina qualquer. No motoboy que fugiu assustado – quem mandou fugir? Alguma ele fez... Não percebem – ou percebem? – que o arbítrio e a truculência com que

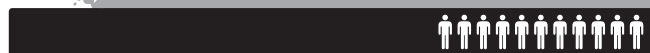
trata a população pobre contribui para o prestígio dos chefes do crime, que às vezes se oferecem às comunidades como única alternativa de proteção. Assim a polícia vem 'tranqüilizando' a cidade, ao apresentar um número de cadáveres 'suspeitos' superior ao número de seus companheiros mortos pelo terrorismo do tráfico. (...) No Brasil ninguém, a não ser os familiares das vítimas, reprova a polícia pelas execuções sumárias de centenas de 'suspeitos'. Mas até mesmo os familiares têm medo de denunciar o arbítrio, temendo retaliações. Aqui, achamos melhor fingir que os suspeitos eram perigosos, e seus assassinatos são condição na nossa segurança. Deixemos o Marcola em paz; ele só está cuidando de seus negócios. Negócios que, se legalizados, deixariam o campo de forças muito mais claro e menos violento (morre muito mais gente inocente na guerra do tráfico do que morreriam de overdose, se as drogas fossem liberadas – disso estou certa). Mas são negócios que, se legalizados, dariam muito menos lucro.

O crime é que compensa. Então ficamos assim: o estado negocia seus interesses com os do Marcola, um homem poderoso, fino, que lê Dante Alighieri e tem muito dinheiro. Deixa em paz os superiores do Marcola que vivem soltos por aí, no Congresso talvez, ou abrigados em algumas secretarias de governo. Deles, pelo menos, a população sabe o que pode e o que não pode esperar. E já que é preciso dar alguma satisfação à sociedade assustada, deixemos a polícia à vontade para matar suspeitos na calada da noite. Os policiais se arriscam tanto, coitados. Ganham tão pouco para servir à sociedade, e podem tão pouco contra os criminosos de verdade. Eles precisam acreditar em alguma coisa; precisam de alguma compensação. Já que não temos justiça, por que não nos contentar com a vingança? Os meninos pardos e pobres da periferia estão aí para isso mesmo. Para morrer na lista dos suspeitos anônimos. Para serem executados pela polícia ou pelos traficantes. Para se viciarem em crack e se alistar nas fileiras dos soldadinhos do tráfico. Para sustentar nossa ilusão de que os bandidos estão nas favelas e de que do lado de cá, tudo está sob controle." (66)

MORTOS

MAIO 2006

AGENTES DE SEGURANÇA



42

SUSPEITOS



126

São Paulo - semana de atentados do PCC em 2006

Nossa política criminal de drogas não diminuiu a produção, pelo contrário, ela aumentou, não diminuiu o consumo, não diminuiu o tráfico, aumentou a violência e a corrupção. Em tudo o que ela se propõe a fazer ela é um fracasso retumbante. Então, nós temos que pensar o seguinte: para que ela serve?"⁽⁶⁷⁾

"Ou a gente aperfeiçoa os controles internos e os controles externos para que, realmente, a gente tenha condição de excluir os quadros das polícias dos maus policiais... ou nós vamos continuar reféns do crime organizado. Construíram-se unidades prisionais, mas não houve o cuidado de prover essas unidades prisionais com os recursos necessários para tornar a vida daquelas pessoas algo, minimamente, condizente com o que a lei determina.

Esse é o drama do Sistema Penitenciário do Brasil. Pelo fato de o Estado não estar presente cumprindo a lei, quer dizer, provendo as unidades prisionais daquilo que a lei manda, o Estado dá espaço para esses grupos.

A gente vai apenas acreditar que a solução da criminalidade, quer dizer, a luta contra a criminalidade tem que se fazer através de um aumento brutal da taxa de encarceramento e um aumento brutal de pessoas submetidas a um regime disciplinar do tipo RDD? Não vamos nos iludir, nós não vamos chegar a lugar nenhum com isso. Enquanto a gente continuar acreditando que a questão social é uma questão de polícia, a gente vai conviver com níveis altíssimos de criminalidade e violência, essa é que é a realidade."⁽⁶⁸⁾

"A resistência precisa ser afastada o tempo inteiro porque essa força é muito grande. É uma força de reorganização da sociedade. Mas ela precisa o tempo inteiro estar sendo controlada, criminalizada, afastada e minimizada no seu efeito diante da história." (69)

“Tem que ter uma perspectiva política.”

"O hip hop, o funk... o sistema tenta incorporar o tempo todo. No Rio de Janeiro você tem agora uma grande onda de criminalização do [funk do] Proibidão, de prender os MCs, de tentar criminalizá-los, apologia e tal. E, ao mesmo tempo, você vê a grande gravadora global contratando... Então temos a neutralização pela criminalização e a neutralização pela neutralização mesmo.

Tirar a mordida dos caras, tirar a mordida. Por que eu gosto dos Malês? Porque eles tinham uma perspectiva. Por que sempre essa história, uma história tão pouco conhecida no Brasil, me chamou tanto a atenção? Porque era uma perspectiva de tomar o poder.

Houve várias rebeliões escravas, mas aquela onde eles marcham, e não pegam alvos civis... foi também um pouco do medo dessa última do PCC. Eles estão se organizando. Eu acho que não pode ser disperso, tem que confluir para uma força política. Se tentou fazer isso lá no Rio, mas sempre tem uma forma de incorporar, de botar no 'Criança Esperança', nesses grandes neutralizadores da mídia.

E aí tirar a mordida, porque a mordida que é o negócio. Quando a perspectiva de morder, de tomar o poder, e a gente podia estar falando isso sem ser na mordida. Podia estar falando que a perversidade do sistema, a crueldade da desigualdade, da hierarquização, é o que produz uma mordida mais doida." (70)



**> Seja Marginal Seja Policial
Trabalho do artista Jailltão, 2006.**

(62) BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Folha de S.Paulo, 23/2/2004.
(63) BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Folha de S.Paulo, 23/2/2004.
(64) BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Folha de S.Paulo, 23/2/2004.
(65) BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Folha de S.Paulo, 23/2/2004.
(66) KEHL, Maria Rita. "A Matança dos suspeitos". In Carta Maior, 18/5/2006.
(67) BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.
(68) LEMGRUBER, Julita. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.
(69) LIMA, Eugênio. Integrante da Frente 3 de Fevereiro
(70) BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

> PCC Foto Gerente (Folha de S. Paulo)
Rebelião no presídio de Franco da Rocha, São Paulo,
parte da mega-rebelião de fevereiro de 2001.



7.4

Precisamos reinventar as formas de convivência

“Reinventar as formas de convivência
que privilegiem a busca da integração,
em proveito da coletividade.”⁽⁷¹⁾

“Em grande parte, o que aconteceu foi que o PCC trouxe o perigo para onde o perigo jamais era suposto estar. Eles penetraram com uma atividade proveniente de um ambiente de clandestinidade social, ou criminal, em âmbitos onde ela nunca havia se manifestado publicamente de maneira tão intensa e de maneira tão sistemática. Isso provocou uma evacuação completa da cidade, algo jamais visto antes em termos de fenômeno social. Então, um grupo criminoso com seus liames de conexão com essas áreas periféricas de São Paulo acabou se infiltrando e, praticamente, colocando pela primeira vez o privilégio face a face com a exclusão, face a face com a confrontação social. Pela primeira vez São Paulo recuou, pela primeira vez tremeu na base, pela primeira vez sentiu a presença e o rosto dos excluídos. Nesse sentido, o fato é chocante e notável também para revelar essa fraqueza da cidade, o quão despreparada ela está para compreender onde é que ela na verdade se coloca em termos da relação com a sua própria população. Em outras cidades, por exemplo o Rio de Janeiro, a criminalidade é uma constante como é em São Paulo, mas é uma constante com a qual o conjunto da população é obrigado a conviver, porque ela praticamente permeia todos os âmbitos da cidade e os grupos, as camadas excluídas, estão sempre ao redor de onde quer que se instalem as populações mais prósperas. Então esse contato é mais direto, tanto no sentido do convívio pacífico e socialmente integrado de ambas as partes quanto também no atrito em circunstâncias de confrontação ou de criminalidade propriamente dita. Nesse sentido, não é nenhuma novidade que alguém depare com uma situação fortuita ameaçadora no seu cotidiano numa cidade como o Rio de Janeiro. Mas em São Paulo a expectativa de grande parte dessa população que vive no núcleo privilegiado é jamais na vida se encontrar, jamais na vida cruzar com isso, viver completamente à parte da existência dessa camada social, que está eventualmente forçada nos limites da transgressão da criminalidade.

Em vez de uma situação como essa produzir um alerta para, justamente, trazer a discussão sobre a maneira profundamente desigual e desconstruída como essa cidade historicamente se desenvolveu e produzir uma discussão sobre as formas de reversão desse quadro e de integração mais igualitária do conjunto da malha

urbana, o efeito acaba em grande parte sendo o oposto. É preciso, mais do que nunca, intensificar medidas de isolamento, medidas de segurança extrema, que já estão em curso. E já se criou uma indústria paralela de carros blindados e de alarmes de segurança, de cercas eletrificadas, de holofotes, de um enorme contingente de guardas e milícias paralelas, enfim, tudo aquilo que se pode considerar como recursos anti-sociais, porque são aqueles pelos quais uma parte da comunidade quer, de toda forma, evitar o contato com a outra. Isso é o oposto do princípio da existência de uma cidade, que é a civilidade, que é o encontro cotidiano das diferenças, das pessoas de diferentes condições, de diferentes posições, em diferentes áreas, o tempo inteiro. Isso é que é o viver na cidade, é esse encontro permanente, diário de situações as mais inesperadas e que são, todas elas, fortemente informativas, enriquecedoras do ponto de vista de um conhecimento melhor de todas as partes do convívio social e da percepção de como é desse conjunto de situações diferenciadas que se produz a diversidade, que é a riqueza do convívio urbano.

Na medida em que você tem a atitude de grupos dispostos a se cercar, se isolar, se fechar, bloquear totalmente o contato dos membros da sua família, particularmente o das crianças, com qualquer outra parte da cidade, a não ser aquelas exatamente idênticas à sua imagem e semelhança, numa completa concepção de assepsia total, e jamais ter contato com nada que não seja a reprodução desses mesmíssimos grupos, com os mesmíssimos valores e, particularmente, com o mesmo padrão de consumo, o que você tem é uma doença social, o que você tem é um estado degenerativo, de degradação do convívio e de dilaceramento das formas de sociabilidade e de coesão que deveriam fazer de uma cidade o estêo de uma vida pública, de uma vida cívica, o que é a base de uma constituição e de uma democracia republicana como esse país pretende ser. Nesse sentido, boa parte do impacto que teve essa situação alarmante dos eventos nos quais o PCC interferiu com o cotidiano da cidade foi no sentido oposto, muito mais de provocar retração, a retranca desses sistemas exasperados de segurança, do que trazer para o âmbito público o debate sobre esse insustentável sistema de desigualdade que esse cidade comporta.”⁽⁷²⁾



Foto: Julio Dujtsar

"Nós estamos diante de um conflito civil violento, travado entre a etnia dominante e a etnia discriminada. Há uma violência civil no país que não deve ser confundida com a violência criminal. Quando em uma sociedade a violência civil vai se avolumando, como no Brasil, isso configura uma situação de revolta. (...) Aqueles que se acham donos da sociedade, esses que integram a etnia dominante, querem, sim, uma polícia violenta contra os outros e não contra eles. (...) O preconceito, o racismo, a discriminação étnica são coisas que cegam tanto as pessoas que elas não conseguem perceber que é impraticável. Não é factível o que elas estão imaginando. É um sonho. A etnia dominante do Rio de Janeiro pensa em dormir um dia e acordar no dia seguinte com uma novidade: as favelas sumiram. É uma ilusão. (...)

A sociedade brasileira precisa repensar a convivência com esses espaços. Não dá mais para resolver com a força. Historicamente, as elites políticas, intelectuais e econômicas do Rio de Janeiro sempre quiseram transformar a cidade numa Paris. Assim, sempre se sentiram muito incomodados com os negros, com os nordestinos. (...) A questão social brasileira tem cor. O conceito étnico tem um componente social. Questão social e questão étnica não são excludentes. Há um grupo socialmente bem situado, essencialmente, de natureza branca. Mesmo que dele façam parte algumas pessoas negras, esse grupo é um grupo etnicamente branco. Há um outro grupo que é etnicamente negro e nordestino. Nele há brancos pobres que são, etnicamente, incluídos naquele grupo. (73)

“ Ou o Estado se instrumentaliza para manter uma rede de proteção social dentro e fora da cadeia, digna da nossa constituição e das nossas leis. Ou nós vamos continuar reféns do crime organizado e reféns desses grupos dentro das cadeias. (73) ”

(71) SILVA, Jorge da. "Conflito civil aberto". Entrevista para Carta Capital, 30/11/2005.

(72) SEVCENKO, Nicolau. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

(73) LEMGRUBER, Julita. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

> Aqui se faz... - Bijari



"Ficou muito assinalada a participação de rapazes, sobretudo de muito jovens dessas áreas periféricas, com certo perfil social, com certa atitude comportamental [nos ataques do PCC], que se enquadraram um pouco no imaginário como sendo os portadores potenciais da violência, e, obviamente, se tornaram o alvo principal da repressão policial nos dias que se sucederam, e, desde então, até hoje. É muito triste ver que a comunidade se volta contra si mesma e que esses jovens,

que são a fina flor, literalmente, da juventude que estaria – é o que todos esperamos – na posição de ser a próxima geração dos gestores dessa sociedade, dos agentes sociais, nas várias profissões, nos vários ramos de atuação, dessa cidade, de repente nessa situação possam se ver jogados contra a parede. Suspeitos de serem os agentes da criminalidade, as presenças anti-sociais, os inimigos da população, as pessoas que, se alguém vir na rua, muda para outra calçada.

É absolutamente terrível o modo como isso produz o efeito de dilaceramento no nosso convívio e na nossa vida cotidiana na nossa cidade. Uma vez mais, a mídia tem um papel negativo em reportar também esse tipo de perfil como se fosse uma garantia de que quem se enquadra nele de fato incorpora uma atitude criminosa. E eu acho que era principalmente o resgate dessa juventude que teria que estar na pauta dos nossos dirigentes, das nossas associações de integração social porque, mais do que ninguém, eles são o futuro, ele são o que essa cidade será, e, se a gente envenena essas gerações, a gente está envenenando o próprio futuro. Eu acho, portanto, que a ação junto à juventude é o elemento estratégico de qualquer tentativa de começar a pensar em reverter esse quadro.

Nesse sentido, é notável o trabalho que vários grupos de rap fazem no sentido de produzir esse estado de consciência, de compreensão simultaneamente da injustiça que envolve essa política centrada em práticas exclusivamente repressivas, e, de outro lado, das resistências que esses jovens têm que ter diante da atração que a criminalidade representa, não como crime necessariamente, mas como uma forma de reação contra essa brutalidade, como se o criminoso fosse um herói justamente porque ele contra-ataca quem está sendo tão agressivo

contra a sua pessoa, contra seus os iguais, contra gente que tenha o seu perfil e o seu comportamento. É uma situação muito complicada e a gente está num limiar exato: ou se faz alguma coisa ou a situação tende a degenerar de uma maneira irreversível.

O que era preciso era trocar essa política de ênfase meramente repressiva, como se isso fosse levar a algum resultado que não seja a intensificação desse mesmo quadro e de maneira imprevisível cada vez mais na direção de uma catástrofe iminente, para se buscar formas de construir pontos de encontro, pontos de integração, em particular dessa juventude das áreas periféricas com a cidade como um todo, com os gestores sociais, com aqueles grupos e organizações que fazem trabalhos ligados a práticas artísticas e práticas de recuperação urbana, a práticas educativas e de distribuição de conhecimentos, de recursos para integrar a comunidade à informação. E colocar essa gente excluída da modernidade no centro da própria modernidade, porque eles são a energia do futuro. Quer dizer, não parece ser nada muito estranho, nada muito complexo, nada muito difícil de implementar, é uma questão de mudar o quadro político, mudar a lógica da intervenção: em vez de ser policial, ser educacional; em vez de ser exclusora, ser comunitária; em vez de esgarçamento da sociedade, que seja de produzir coesão." (74)

**ZUMBI
SOMOS
NÓS**

08

ZUMBI SOMOS NÓS

8.1. Quem foi Zumbi?

8.2. Cotas: inscrição de um símbolo para a igualdade racial

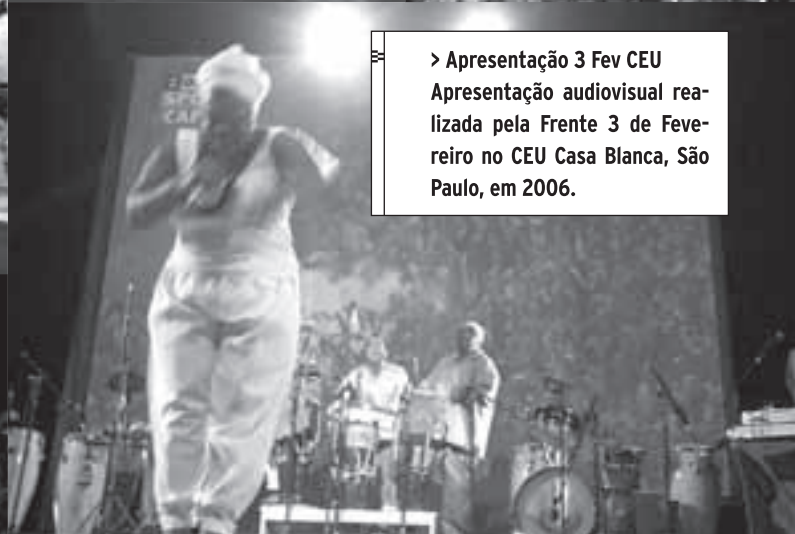
8.3. Dialética da Marginalidade: convertendo a violência em força simbólica

8.4. Diáspora: um canto de resistência



Fotos: Petza

> Apresentação 3 Fev CEU
Apresentação audiovisual realizada pela Frente 3 de Fevereiro no CEU Casa Blanca, São Paulo, em 2006.



8.1

Quem foi Zumbi?

“O mais significativo quilombola surgiu durante o século XVII, sob o nome de Palmares.”⁽⁷⁵⁾



Foto: Peciiza



"Durante a maior parte do século XVII (por volta de 1605 e até 1695), os escravos fugidos e seus descendentes formaram uma população de 20 mil almas (cifra talvez exagerada) e defenderam sua comunidade, reconstituída segundo padrões africanos, contra os ataques da Holanda e de Portugal, duas das maiores potências da época.

Os palmarenses, ao que parece, tentaram reconstruir uma sociedade africana em seus aspectos essenciais. Apesar de negros de várias partes da África convergirem para Palmares, os povos Congo-Angolanos, de língua bantu, aparentemente predominaram. O quilombo tornou-se mais auto-suficiente e complexo no plano econômico e abrigava artesãos e oficiais mecânicos hábeis. Evidências fragmentárias sugerem que a organização econômica aderiu às normas da África Ocidental, baseadas na família.

Politicamente os palmarenses concentravam o poder nas mãos de um grupo diminuto de chefes. Escravizavam aqueles a quem arrancavam à força das fazendas, ao passo que recebiam como irmãos e irmãs os que desertavam e se uniam a eles.

Em 1678 o regime infligiu pesadas perdas aos palmarenses, cujo chefe-supremo, o Ganga-Zumba, pediu a paz. Os portugueses ofereceram termos que consideravam generosos, talvez generosos demais e que incluíam o reconhecimento da liberdade dos palmarenses, nomeação do Ganga-Zumba como comandante real de suas tropas e confirmação de suas reivindicações sobre um território que já era olhado com cobiça pelos fazendeiros e mercadores.

Os palmarenses, em troca, tinham de desistir de parte do território, devolver escravos fugidos e suprimir as revoltas de índios e cativos. Um grupo de palmarenses, sob a liderança do Zumbi (chefe-guerreiro) e outros jovens, repudiou o acordo, executou o Ganga-Zumba e retomou a luta.

Somente em 1695, uma poderosa coalizão de bandidos paulistas, nordestinos recrutados apressadamente e grande número de índios deu fim a Palmares. O Zumbi mencionado em um documento português como 'negro de singular coragem, valor, grande ânimo e constância', foi aprisionado vivo, apesar de ferido e posteriormente executado." (75)

Fotos: Frente 3 de Fevereiro

> Jam Session 3Fev

Jam Session criada pela Frente 3 de Fevereiro, parte do processo de elaboração musical do documentário "Zumbi Somos Nós", 2006.



"O que é o Zumbi? O Zumbi é uma comunidade que cresceu de populações aquilombadas e que tomou uma tal dimensão que virou uma imensa cidade, uma metrópole com uma complexa vida econômica e social e que tinha interação com toda a economia da região, com as fazendas, com a exportação, importação, etc. Portanto, uma entidade viva e das mais dinâmicas da nação.

“É a parte viva, dinâmica da sociedade, que é de repente identificada como inimigo da sociedade. Ou seja, é o corpo social, é como você mutilar uma parte do seu próprio corpo.”



Uma parte enorme da população que está sendo criminalizada, que está sendo demonizada, está sendo excluída e tendo seu futuro negado. Mas eles são o país, eles são o corpo social, eles são muito maiores do que o conjunto do restante da população. Eles são o futuro. Dadas a essas pessoas, a todos esses jovens, condições de se educarem com qualidade, o país salta para uma outra dimensão. Então, se a gente vê a história do país, por que o país deu errado em si mesmo o tempo inteiro? É porque ele luta contra si mesmo desde o período colonial.” (76)

(75) GENOVESE, Eugene. Da rebelião à revolução. São Paulo: Global, 1983.

(76) SEVCENKO, Nicolau. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

> Educafro Manifestação Cotas/13 Maio
Manifestação organizado pelo Educafro.

13 de maio?
Não queremos falsa
Abolição,
Queremos Inclusão
Núcleo: D.F

Educafro quer
Cotas. Já
Núcleo: D.F

8.2

Cotas: inscrição de um símbolo para a igualdade racial

*“ O drama do negro,
o problema do negro,
não foi criado pelo negro.
Foi criado por outros. ⁽⁷⁷⁾ ”*

“Portanto, a solução do problema do negro é uma solução nacional. Uma solução que precisa envolver a todos. Para nós, é quase que maldade querer que o problema do negro seja resolvido só pelo negro. Não! Não! Quem gerou o problema foi a sociedade brasileira quando não soube repartir, não soube integrar, mas soube explorar, soube humilhar. Agora a solução precisa, sim, passar também pelos brancos como alguém que é parte integrante desse problema que atravessamos.

Cota é uma política que olha para trás, que tenta resolver os problemas mal resolvidos ao longo do processo. E, se você quer fazer uma política olhando para a frente, tem que melhorar o Ensino Fundamental e Médio, que é a luta da comunidade negra também. Só abriremos mão das cotas quando tivermos conseguido equalizar as oportunidades de brancos e negros no Brasil. A política de cotas norte-americana conseguiu, e muito, tirar o negro da miséria e melhorar a relação entre negros e brancos nos Estados Unidos.

Nós temos plena convicção de que a inclusão, o problema do negro, além de ser um problema social, é também um problema racial. Então, só fazendo uma política de enfoque social não resolve o problema do negro. Por exemplo: no Brasil, 37% das pessoas que estudam na rede pública do Ensino Médio são pessoas de classe média. Se você faz uma política de ação afirmativa, de cotas, só para alunos da rede pública – o que algumas pessoas aplaudem e dizem que

isso é a solução – é uma política muito equivocada, porque vai, primeiramente, dar oportunidade à classe média que está na rede pública e só depois que esse grupo ficar incluído é que vai pegar brancos pobres e negros.

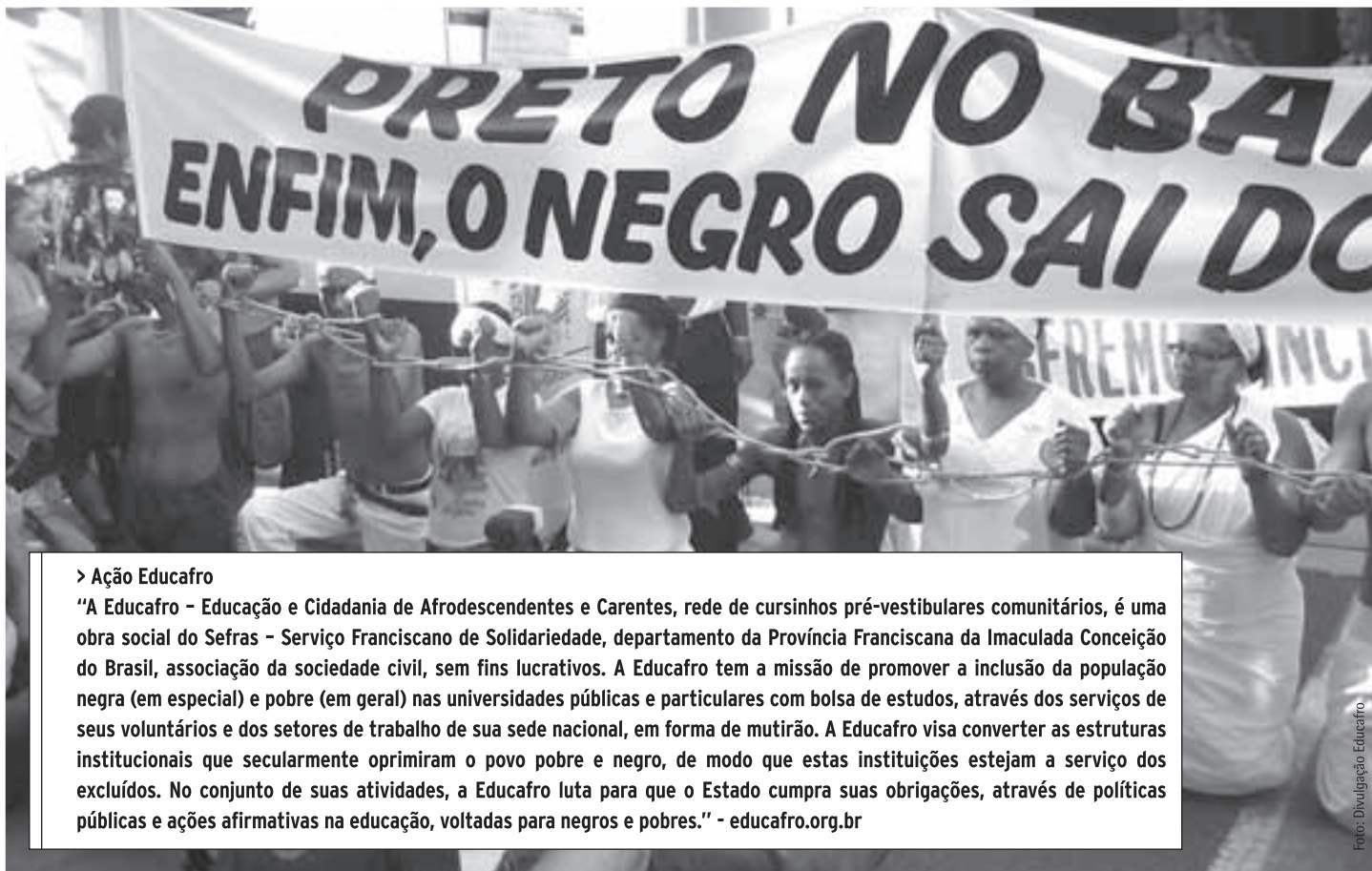
Hoje no Brasil já tem muitas universidades que já fecharam pesquisas provando que o aluno que entrou com cotas está tendo nota igual ou superior ao aluno que entrou pelo método tradicional.

A estratégia nossa é a de ocupar todas as vagas possíveis, uma vez que a demanda reprimida de negros e negras querendo exercer o seu sagrado direito de educação é 500 vezes maior do que o que o governo está oferecendo. Tanto faz pública ou particular, o determinante é a garra do aluno, é a estratégia da aprendizagem e o fazer também o estudo alternativo. Ler jornal, assistir a filmes, participar de teatros, eventos culturais, participar da militância política está sendo, hoje, um tremendo cabedal de qualificação do jovem pobre. E, no momento, estamos com a grande luta exigindo cotas na cultura, 30% de vagas em todos os teatros municipais e estaduais para negros e pobres, justamente para garantir esse currículo invisível que o rico tem e o pobre não tem. Os atos públicos [do Educafro] existem e existirão enquanto o clamor do povo não é ouvido pelas autoridades.

O negro é bom enquanto ele está quietinho na igreja. Quando o negro fala, discute e provoca, ele incomoda. E eu entendo que Jesus incomodou e não sou eu quem vai se omitir em incomodar.” (77)

“O medo tem que ser mantido como o grande regulador, o medo dos Malês, o medo dos Cabanos, de toda esta força que é a juventude popular, a juventude meio índia, meio negra, meio cafuza, uns brancos lá no meio que passaram pro outro lado. Enquanto não tomar o poder, nós vamos ficar nessas idas e vindas, mas a perspectiva é poder político, político no sentido macro de tomar o poder mesmo.

A gente tem que romper primeiro a muralha dos meios de comunicação, o monopólio da imagem, da imagem do afro-brasileiro, do afro-descendente, da imagem do problema criminal e ter uma proposta de poder.” (78)



> Ação Educafro

“A Educafro – Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes, rede de cursinhos pré-vestibulares comunitários, é uma obra social do Sefras – Serviço Franciscano de Solidariedade, departamento da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, associação da sociedade civil, sem fins lucrativos. A Educafro tem a missão de promover a inclusão da população negra (em especial) e pobre (em geral) nas universidades públicas e particulares com bolsa de estudos, através dos serviços de seus voluntários e dos setores de trabalho de sua sede nacional, em forma de mutirão. A Educafro visa converter as estruturas institucionais que secularmente oprimiram o povo pobre e negro, de modo que estas instituições estejam a serviço dos excluídos. No conjunto de suas atividades, a Educafro luta para que o Estado cumpra suas obrigações, através de políticas públicas e ações afirmativas na educação, voltadas para negros e pobres.” - educafro.org.br

> Educafro Manifestação Cotas/13 Maio
Manifestação organizado pelo Educafro.



“Não há dúvida a respeito da questão da justiça das cotas, mas limitar o debate nas cotas é deixar o sistema inteiro como ele está, porque o problema do sistema é uma educação que está ela toda centrada no nível básico para o encaminhamento para o vestibular e, depois passado no vestibular, para a formação de um aluno que foi formatado pelo vestibular. Não há educação, há vestibularização. É lamentável, porque o sistema de seleção para a universidade passa a ter um critério meramente numérico, você faz um determinado cursinho, que te dá um princípio normativo de resolução de questões altamente formalizadas e, se você tem um treinamento suficientemente intenso nesse processo de resolução de questões mais ou menos previsíveis, você consegue passar, se você não teve condições, sobretudo de pagar um cursinho para poder passar por esse treinamento você não tem acesso, e o que a universidade faz então é administrar gente que teve esse treinamento e não gente que foi educada. O que me parece crucial é eliminar essa situação do vestibular. Eu acho que, sobretudo a universidade pública, devia funcionar como um sistema que personalizasse o recrutamento dos alunos. Que não fosse alguém que passasse por uma prova de mensuração, de resolução de testes, mas um exame que, através de entrevistas e do conhecimento da vida pregressa das pessoas, justamente procurasse recrutar aquele que vem de um meio social complexo, aquele que tem uma experiência de integração social mais complexa e, por isso, uma riqueza de convívio com amplos setores da sociedade que pode ser levada para dentro da universidade e gerar frutos dentro da universidade. Que, quando a pessoa sair de lá, não estará pensando só na sua carreira particular como uma carreira de sucesso para enriquecimento pessoal, para ter uma ascensão social ou

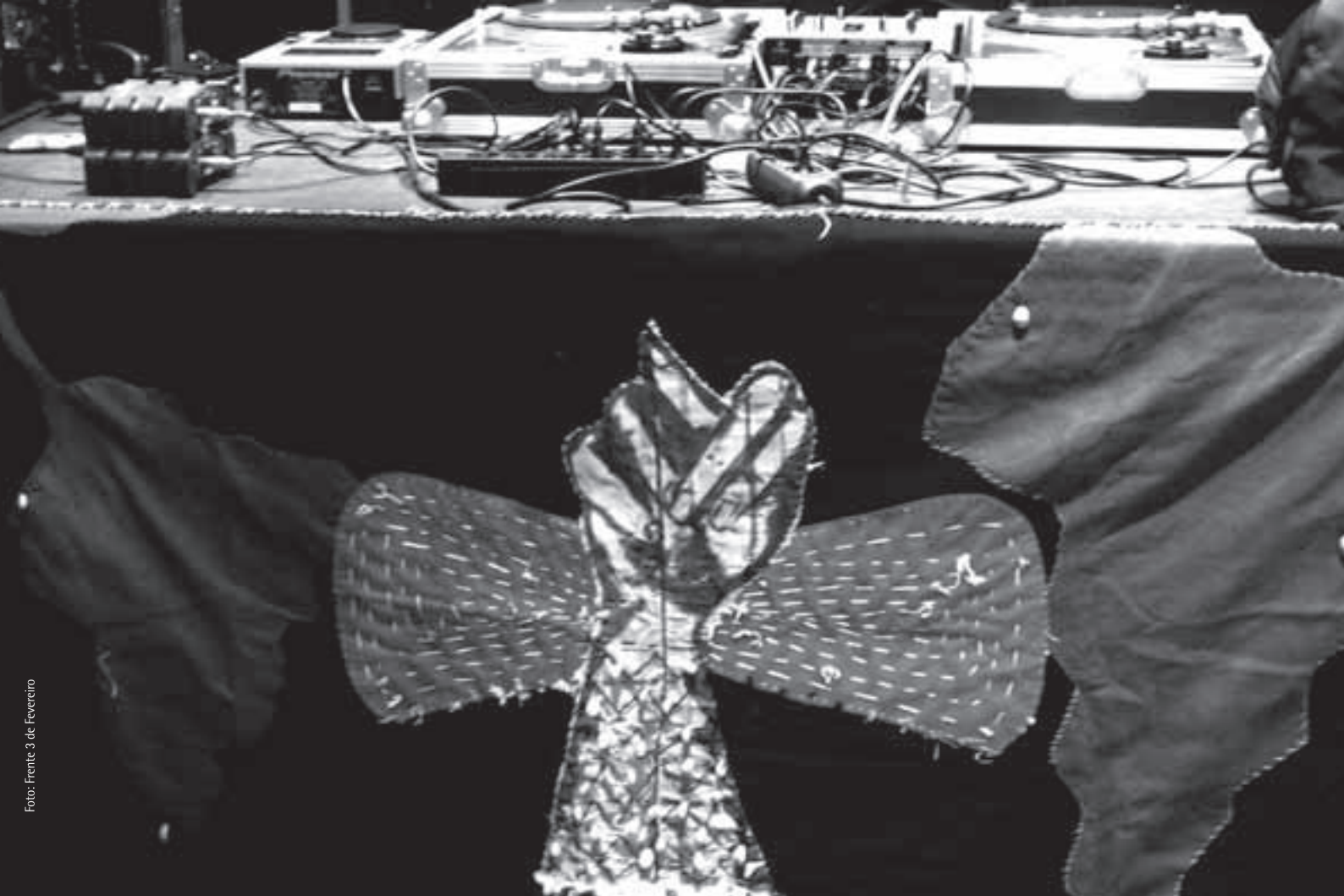
pessoal, mas pensará que ele está numa universidade pública para cumprir um papel público e ter um resultado posterior como um agente de integração da sociedade como um todo. É esse o perfil de aluno que interessa para a universidade, interessa o aluno que tem menos na cabeça uma motivação de carreira individual, o que tem mais preocupação de a universidade ser um pólo de integração da sociedade, e quem tem a cabeça assim é quem esteve mais dependente de interações dessa natureza, percebendo como é preciso que diferentes agentes, em diferentes circunstâncias, sob diferentes grupos, sob diferentes circunstâncias, colaborem entre si para produzirem resultados que sejam benéficos a todos. E como a universidade, como a tecnologia moderna, como todos os potenciais do conhecimento moderno podem servir para produzir esse efeito integrativo e equalizador na sociedade. Então o recrutamento do aluno para dentro da universidade devia trazer para dentro que tem esse tipo de problema, e esse é o que tem que passar no processo de seleção e, necessariamente, vai ser o aluno que tem essa vida muito mais marcada por experiências sociais.

Eu acho que, se mudarem esses critérios de seleção, muda o sentido da educação como um todo. As escolas vão procurar se envolver em trabalhos comunitários para que seus alunos tenham essa bagagem entre si e para que eles possam ter a oportunidade de serem selecionados na universidade, porque tiveram uma vida toda dedicada ao trabalho social e esse é o critério dominante. Se a pessoa tem esse perfil, essa pessoa é a que merece a oportunidade de estudar numa escola pública com recursos públicos caríssimos porque dela se espera que ela vai saber dar o retorno público para esse investimento.” (79)

⁽⁷⁷⁾ DAVID, Frei. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

⁽⁷⁸⁾ BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

⁽⁷⁹⁾ SEVCENKO, Nicolau. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.



8.3 Dialética da marginalidade: convertendo a violência em força simbólica

"A violência somente reforça a desigualdade social. De um lado, legitima a repressão policial, que já afeta cotidianamente a população das áreas mais pobres. De outro lado, estimula as correntes mais reacionárias da sociedade civil, (...) sempre prontas a exigir a pena de morte e o aumento do aparato repressivo. É como se o sistema se beneficiasse da violência e até mesmo contasse com ela, a fim de justificar sua própria necessidade. A alternativa, portanto, é converter a violência cotidiana em força simbólica, por intermédio de uma produção cultural vista como modelo de organização comunitária." (80)

"Proponho uma abordagem alternativa em relação à sociedade brasileira e, sobretudo, à cultura brasileira contemporânea. Talvez a 'dialética da malandragem', tal como formulada por Antonio Candido num texto fundamental, esteja sendo substituída por uma 'dialética da marginalidade'. A 'dialética da marginalidade' pretende superar a desigualdade social mediante o confronto, em lugar da conciliação; através da exposição da violência, em lugar de seu ocultamento. Portanto, se a 'dialética da malandragem' supõe uma forma descontraída, jovial de lidar com a injustiça social e o cotidiano, a 'dialética da marginalidade' impõe-se mediante a exploração e mesmo a exposição metódica da violência, a fim de explicitar o dilema da sociedade brasileira. O enfrentamento desses dois modos de compreender o país cria uma 'batalha simbólica'. Se minha hipótese for procedente, o futuro próximo deve trazer uma mudança

fundamental na percepção que os brasileiros têm de sua própria cultura – uma percepção que em parte tem sido determinada pelo modo como os brasileiros são vistos no exterior. Se Elizabeth Bishop fosse escrever o seu livro hoje, certamente identificaria uma mudança sutil, mas decisiva, na atitude do brasileiro médio quando submetido a intermináveis filas em ziguezague: ele aprendeu a perder a paciência com rapidez. Em 28 de agosto de 1958, Carolina de Jesus escreveu em seu diário: 'Fui carregar água. Que fila! Quando eu vejo a fila fico desanimada de viver'. Mais importante ainda do que simplesmente ficar desanimado, deve-se aprender a dar voz à impaciência e, sobretudo, a querer expressar a própria voz. (...) Em 'Rapaz Comum', os Racionais MC's sugerem: 'Olha no espelho e tenta entender'. Muitos dos manos que teimam em contrariar as estatísticas estão seguindo o conselho. Esse é o projeto da 'dialética da marginalidade'.⁽⁸¹⁾



Fotos: Frente 3 de Fevereiro

Abrem-se as portas
 E a diáspora se levanta
 Espanta
 A dor, o medo a dúvida
 Desconfianças
 Inseguranças
 Complexos de inferioridade
 Inconsciência
 Esquecimento
 Não dá mais para adiar
 Agora é a hora
 Chegou o momento
 Identidade
 Qual é a sua?
 Quem é você?
 Seus pais
 E os pais de seus pais
 Qual a origem da sua cultura?

De onde vieram seus ancestrais?
 Pois respeitar quem veio antes
 É ensinar quem vem depois
 Conhecer a história
 Ativar a memória
 Saber quem é quem
 Dar nome aos bois:

Zumbi dos Palmares, Luiza Mahin,
 Ângela Davis, Patrick Lumumba,
 Amílcar Cabral, José do Patrocínio,
 Solano Trindade, Luis Gama, Malcolm
 X e James Brown, Tim Maia, Jorge
 Ben e Mano Brown.
 Marthin Luther King, pastor na vida e
 na morte, guerreiro da manobra da
 libertação e de todos os mártires da
 paz perseguida.

Abolicionistas, guerrilheiros,
 lutadores, guerreiros, quilombolas
 E todos os que, lutaram e deram a vida
 para que pudéssemos estar aqui agora
 Neste momento entramos em cena,
 pedimos a todos para participar
 E no passado nos foi concedida
 a permissão para começar
 Planto os meus santos,
 abro o meu canto
 Me visto de fé de amor e de paz
 Vejo uma estrela, se aproximando,
 Toda grandeza dos orixás
 O brilho da lua, do ferro e do fogo
 A terra a lama o vento e o mar
 Peço licença e vou chegando
 Respeito e humildade
 Eu quero é cantar. ⁽⁸²⁾

⁽⁸⁰⁾ ROCHA, João Cezar de Castro. "A dialética da marginalidade". In Folha de S.Paulo.

⁽⁸¹⁾ ROCHA, João Cezar de Castro. "A guerra de relatos no Brasil contemporâneo".

⁽⁸²⁾ Roberta Estrela D'Alva, integrante da Frente 3 de Fevereiro.

09 BIBLIOGRAFIA

"Favela protesta em lançamento de condomínio bilionário". In *Carta Maior*, 25/5/2006.

"PMs matam dentista apontado como ladrão". In *Folha de S.Paulo*, 9/2/2004.

BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a *Folha de S.Paulo*, 23/2/2004.

BATISTA, Vera Malaguti. *Difíceis ganhos fáceis – Drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BATISTA Vera Malaguti. *O medo na cidade do Rio de Janeiro – Dois tempos de uma história*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. *Ideologia do desenvolvimento – Brasil JK – JQ*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

CECCATO, Vânia. Entrevista para a *Folha de S.Paulo*, 21/5/2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

FRASER, Nancy. "Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista". In SOUZA, Jessé (org.). *Democracia hoje*. Brasília: UNB, 2001.

GENOVESE, Eugene. *Da rebelião à revolução*. São Paulo: Global, 1983.

HARDMAN, Francisco Foot. "Só pela entrada de serviço". In *Folha de S.Paulo*, 28/6/2006.

IANNI, Octávio. *Escravidão e racismo*. São Paulo: Hucitec, 1978.

KEHL, Maria Rita. "A matança dos suspeitos". In *Carta Maior*, 18/5/2006.

LEMGRUBER, Julita. Entrevista para a revista *Época*. 11/2/2004.

MOURA, Clóvis. *Rebeliões da senzala – Quilombos, insurreições, guerrilhas*. São

Paulo: Ciências Humanas, 1981.

NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RAMOS, Sílvia; MUSUMECI, Leonarda. *Elemento suspeito – Abordagem policial e discriminação na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ROCHA, João Cezar de Castro. "A dialética da marginalidade". In *Folha de S.Paulo*, 29/2/2004.

ROCHA, João Cezar de Castro. "A guerra de relatos no Brasil contemporâneo". In SANTOS, Milton. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países desenvolvidos*. São Paulo: Edusp, 2004.

SILVA, Jorge da. "Conflito civil aberto". Entrevista para *Carta Capital*, 30/11/2005.

VAINFAS, Ronaldo. *Ideologia e escravidão – os letrados e a sociedade escravocrata no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

ZALUAR, Alba. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

OUTRAS REFERÊNCIAS

Agência Carta Maior: <http://agenciacartamaior.uol.com.br/>

Fundação Perseu Abramo: <http://www.fpabramo.org.br/>

Jornal *Folha de São Paulo*

Revista *Carta Capital*

Revista *Época*

10

FICHA TÉCNICA

A Frente 3 de Fevereiro neste projeto

Achiles Luciano, André Luiz Montenegro, Cassio Martins, Daniel Lima, Daniel Oliva, Eugênio Lima, Felipe Brait, Felipe Teixeira, Fernando Alabê, Fernando Coster, João Victor Nascimento, Julio Dojcsar, Maia Gongora, Marina Novaes, Maurinete Lima, Pedro Guimarães, Roberta Estrela D'Alva, Sato, Will Robson.

Participação Especial:

Cibele Lucena

Produção:

Ariane Mondo

Produção Gráfica:

Nani Lodovico

Agradecimentos:

Maria do Rosário Ramalho, Gil Marçal, Equipe VAI, Gullane Filmes, Joana Zatz, Lia Zatz, casadalapa, grupo PI - Política do Impossível.

Pensadores convidados:

Frei Davi

João Cezar de Castro

Julita Lengruher

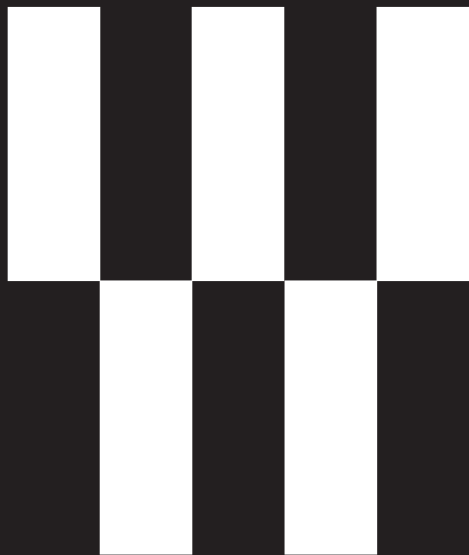
Líliá Schwarcz

Nicolau Sevcenko

Noel Carvalho

Vania Ceccato

Vera Malaguti



www.frente3defevereiro.com.br

Impressão e Acabamento:

Corprint

Capa: papel couchê fosco LD Lumimax 230g/m2

Miolo: papel couche fosco LD Lumimax 115g/m2



Frente 3 de Fevereiro

*Mas eis que surge, como herói pop, milagreiro, vislumbre de padim, raio de xangô, o 3 de Fevereiro, o grupo um tanto comitativa guerreira, liga da justiça e bloco. Do saco surge a bandeira, azougue para não terminar o carnaval. E ela vai se desfaldando sem hinos, na síncope do grupo. Aberta como símbolo, não da Nação, coisa maior, mas daquelas pequenas e senhoras selvagerias. Escancarada clama aos céus a incerteza do sentido. Estandarte anunciando a derrota da certeza unívoca. **Zumbi somos nós.** Frase gravada no ar, incógnita na calçada. **Zumbi somos nós.** Zumbi guerreiro ou párias? Vencedores ou vencidos? Imortal herói ou mortos vivos? **Zumbis somos nós.** Senhores ou fantasmas? Estandarte ou mortalha? Uma ferida exposta no meio da rua, uma questão colocada para todos sem nenhum floreio. Não mais a opção por ser marginal e ser herói, mas pelo menos poder ser. Aquela bandeira ali aberta era a dissolução do linear e a dispersão dos sentidos até então possíveis. **Zumbis somos nós.***

Ricardo Muniz Fernandes